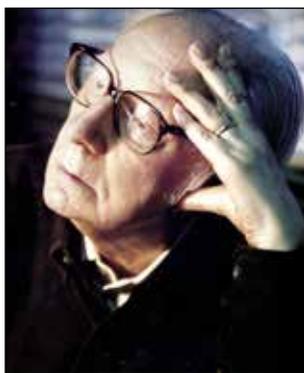


Belo Horizonte, Maio/2018
EDIÇÃO ESPECIAL

SUPLEMENTO

ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO
O CENTENÁRIO DE UM POETA

SUPLEMENTO



Capa: Acervo da família Guimaraens

Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário

Lucas Guimaraens

Suplemento Literário

Diretor

Jaime Prado Gouvêa

Coordenador de Apoio Técnico

Marcelo Miranda

Coordenador de Promoção e Articulação Literária

João Pombo Barile

Escritório de Design

Gíria Design e Comunicação

Design Gráfico e Diagramação

Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação

Conselho Editorial

Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza,

Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques

Equipe de Apoio

Jane Mendes, Rosângela Caldeira, Flávia Figueirêdo,

Rui Coutinho

Revisão

Flávia Figueirêdo

Jornalista Responsável

Marcelo Miranda – JP 66716 MG

ISSN: 0102-065x

Textos assinados são de responsabilidade dos autores

Acesse o Suplemento online: www.bibliotecapublica.mg.gov.br

Suplemento Literário de Minas Gerais
Praça da Liberdade, 21 – Biblioteca Pública – 3º andar
CEP: 30140-010 – Belo Horizonte, MG – 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br

Nascido em Mariana, Minas Gerais, em 3 de junho de 1918, Alphonsus de Guimaraens Filho (Afonso Henriques de Guimaraens na vida civil) é filho do poeta simbolista Alphonsus de Guimaraens (Afonso Henriques da Costa Guimarães na vida civil, mudado oficialmente, aos 24 anos, para Afonso Henriques de Guimarães) e de D. Zenaide Silvina de Guimarães. Ingressou no jornalismo na capital mineira em 1934. Exerceu em 1943 as funções de diretor auxiliar da Rádio Inconfidência e, em 1946, interinamente, as de diretor.

Casou-se em 17 de julho de 1943, no Rio de Janeiro, com Hy-mirene de Souza Papi. O casal teve três filhos: Afonso Henriques Neto, poeta, Luiz Alphonsus, artista plástico, e Dinah Guimaraens, antropóloga e escritora; e quatro netos, Mariana, Francisco, Domingos e Augusto. Foi auxiliar de Juscelino Kubitschek no Governo de Minas Gerais e na Presidência da República. Assumiu em 1958 o cargo de adjunto de procurador, hoje subprocurador-geral, do Tribunal de Contas da União, aposentando-se em 1972. Residiu durante vários anos em Brasília. Era seu irmão o escritor João Alphonsus, falecido em Belo Horizonte em 23 de maio de 1944.

Dos seus livros, foram destaque: *Lume de Estrelas*, com o Prêmio de Literatura, da Fundação Graça Aranha, e com o Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras; *O Irmão*, com o Prêmio Manuel Bandeira, do Jornal de Letras, Rio de Janeiro; *Absurda Fábulas*, com o Prêmio Luísa Cláudio de Souza, do Pen Clube do Brasil; *Água do Tempo*, com o Prêmio Literário Nacional; *Nó*, com o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro; e *O Mito e o Criador*, com o prêmio de poesia Cidade de Belo Horizonte, da prefeitura da capital mineira.

Uma curiosidade sobre a vida do poeta: em agosto de 1976 o prefeito Marcos Tamoyo, do Rio de Janeiro, assinou decreto em que se deu o nome do seu livro de estreia, *Lume de Estrelas*, à então Rua Esperança, na Região Administrativa do Méier.

O poeta faleceu no Rio de Janeiro em 28 de agosto de 2008.

ALPHONSUS FILHO

Habitante da poesia

ANGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS

O filho de Alphonsus de Guimaraens poderia ser outra coisa senão habitante da poesia? A pergunta de Carlos Drummond de Andrade, formulada em tom de contundente resposta, expressa a expectativa que podia ter perturbado, de modo inquietante, a trajetória de Alphonsus de Guimaraens Filho. Foi um imenso poeta, talvez maior do que o pai, haverá de concluir quem se debruçar, em engajamento crítico radical, sobre o legado de ambos.

Membro da Academia Mineira de Letras, como o pai e o irmão, o contista e romancista João Alphonsus, ele morreu aos 90 anos e deixa uma sensação de vazio na poesia brasileira, embora tenha se mantido, em discrição imperturbável, sempre distante das efervescências do meio literário e cultural. No seu caso, a torre ebúrnea da sé primaz de Minas virou um edifício em Laranjeiras, no Rio de Janeiro, mirante privilegiado da poesia e refúgio do poeta junto às estrelas.

Nascido em Mariana, MG, aos 3 de junho de 1918, o décimo quarto filho do grande simbolista faleceu em 28 de agosto de 2008, no Rio de Janeiro. Era casado com Hymirene Papi de Guimaraens, sendo seus filhos o poeta Afonso Henriques Neto, o artista plástico Luiz Alphonsus e a antropóloga Dinah de Guimaraens.

Ao longo da vida, recebeu, das mais variadas procedências, a confirmação inquestionável de que o destino de fato lhe havia reservado, no território sem limites herdado do patriarca, uma estrada larga e luminosa. Através desse caminho, alcançou o espaço a que não se chega pela ascendência, senão pela ascensão própria de quem construiu uma das mais fascinantes manifestações da lírica brasileira. Os poetas o admiravam, singularmente, e o leram com alubrimento.

“Só a noite é que amanhece”, volume de quase 700 páginas, veio celebrar o transcurso dos seus 85 anos e privilegiar o público leitor com uma rica e abrangente reunião dos numerosos trabalhos. O leitor certamente pode repetir, no curso das páginas, a confissão de Cecília Meireles a Alphonsus Filho, em carta de 21 de agosto de 1954, diante de “O mito e o criador”: “Seu livro, de tão grande pureza poética, tem sido meu consolo, nesses dias torvos que estamos atravessando. Leio-o e é como se estivesse viajando num raio de lua”.

A lua, que acalentou a tristeza branca e álgida do primeiro Alphonsus, nas noites mortas de Minas, acompanha o filho, entre “a angústia e a alvorada”, como signo que leva à plenitude. Para o autor, a poesia “vem trazer-nos a luz, transfigurar-nos” (pág. 153). Toda uma tradição de sensibilidade e linguagem, como percebe José Guilherme Merquior, atinge sublime reverberação na obra de Alphonsus Filho, permitindo-lhe desfazer as trevas, recuperar o canto, descobrir o segredo dos pássaros, criar “a poesia de um mundo que renasce em nós perenemente” (pág. 200).

O poema, para ele, é “flor que nasce em caule ausente, estrela nem mesmo entrevista, fogo a lavar em mata oculta, canto que ninguém escuta e no entanto vibra” – “mágica, magia, mito que em carne cálida se revela, noite, o poema, noite atroz e manhã fresca, e espuma” (pág. 629). Impressiona o leitor, diz Guilhermino César, “mesmo o habituado a lidar com poemas de voo real, a distância e a altura a que chegam os poemas de Alphonsus de Guimaraens Filho”. Ele está cada vez mais perto da linguagem essencial, sintetiza o “verde” Guilhermino.

A antologia, editada pela Record, abre-se com versos de “Lume de Estrelas”, livro inaugural do fim da década de 30, cujo título virou nome de rua no Rio de Janeiro. Seguem-se “Sonetos da Ausência” (1940-43) e “Nostalgia dos Anjos” (1939-44), livro dedicado à memória do irmão João Alphonsus, notável ficcionista e poeta prematuramente falecido. “O Unigênito” (1946-47) e “A Cidade do Sul” (1944-48) são seguidos pelos poemas de “O Irmão”, de ardente misticismo cristão e dedicados a Alceu Amoroso Lima. Adiante, aparecem produções integrantes de “O mito e o criador”, livro que levou paz a Cecília no sombrio período da morte de Vargas.

“Elegia de Guarapari” é de 1953, ano de “Uma rosa sobre o mármore”, sonetos consagrados à memória do pai, quando da inauguração do mausoléu no cemitério de Sant’Ana, em Mariana, pelo governador Juscelino Kubitschek e pelo poeta Augusto Frederico Schmidt. Os “Sonetos com dedicatória” foram escritos em Guarapari, também em 53, e fixam aspectos de poetas e artistas que o autor quis homenagear. “Cemitério de pescadores” (1954), “Aqui” (1944-60), “O habitante do dia” (1959-63), “Transeunte” (1963-68) e “Solilóquio do suposto atleta” (1963-71)

acrescentam belos trabalhos à reunião.

“Ao Oeste chegamos” (1962-65) registra a presença pioneira do poeta em Brasília, acompanhando Juscelino Kubitschek, de quem foi auxiliar no governo de Minas e na presidência da República. “Poemas da Antehora” (1967-70) são seguidos por “Absurda fábula” (1969-72), em que o poeta diz que “há uma luz absurda despenhando-se,/ despenhando-se, ferindo/ com adagas de cristal a dor da sombra”, e procura a “noite diurna” para descobrir que “Só a noite é que amanhece” (1972-75).

“O tecelão do assombro” enfeixa poemas de 1975 a 1990 e inclui o soneto dos 80 anos: “Cada década se esfaz e como pesa/ depois, sentir o ido! O que se preza/ é algo que veio num rolar de dados”. “Discurso no deserto” (1975-81) confessa: “podes depor em qualquer mesa/ tua tristeza”. “Caem sonhos já velhos como o leite/ azedo nuns canecos entortados”. Em “Nó”, enlaçam-se poemas de 1979 a 1981 e os fios da memória: “Em Minas me perdi, achei-me/ subitamente reconstruído”. Cantor das montanhas mineiras, é ele também “um dos nossos grandes poetas do mar”, disse Alexei Bueno, que enaltece a sua sensibilidade diante da efemeridade do tempo e da onipresença da morte.

“Luz de agora”, com versos de 1987 a 1990, irradia vibrante e serena luminosidade. “Já chega a hora mais tranquila e pura/ onde a vida entreabre a polpa obscura”. “Brilhas? Parece que ainda vais brilhar”. Essa luz, clara e firme, revela as dimensões comoventes de uma obra que imprime ao efêmero da vida a marca da eternidade. E projeta Alphonsus Filho como referência singularíssima na poesia de língua portuguesa.

Afonso Henriques Neto, nascido em Belo Horizonte em 1944, é autor de obra que se estende sobre o plano mais alto da realização poética. Mantém o nome e a excelência da qualidade, o que é fato raro. Em 2008, por ocasião dos 90 anos e das seis décadas de atividade criadora do pai, lançou uma seleta integrante da coleção “Melhores Poemas”, dirigida por Edla van Steen para a editora Global. Afonso Henriques Neto mostra como o grande lírico opera, de livro para livro, e são mais de vinte, “uma série de transformações em seu caminho poético, sem jamais perder a identidade inicial”, marcada por “tempestuosa e noturna força romântica”. Oferece, assim, ao leitor mais uma oportunidade esplêndida de ouvir a voz que, segundo Drummond, “nos enriquece com sua melodia de órgão e flauta transversa, buscando conciliar os desconcertos do mundo e abrir um caminho de céu a céu, entre sombras”.

A obra de Alphonsus de Guimaraens Filho precisa ser divulgada e conhecida. “Como ainda aflige aquilo que eu não disse,/ como se fosse um sol que só eu visse...”. A inquietação do poeta se torna serena estesia na leitura de suas palavras. E sol resplandecente para todos.

ANGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS

é jornalista, escritor, ex-prefeito de Ouro Preto, Secretário de Estado da Cultura e membro da Academia Mineira de Letras.

SEVERA ÍNDOLE ELEGÍACA

ALEXEI BUENO

A obra de Alphonsus Guimaraens Filho (1918), iniciada com *Lume de Estrelas* em 1940 e encerrada com *O Tecelão do Assombro* (2000), delineia uma das trajetórias mais longas e coerentes do lirismo brasileiro da fase final do Modernismo. Tal coerência não se traduz por continuidade, muito pelo contrário, mas por uma sucessão de rupturas comandadas por uma unidade essencial intocada, como ocorreu também com não poucos dos nossos grandes poeta modernos. Se um Manuel Bandeira e uma Cecília Meireles, por exemplo, saíram de um estilo entre o Simbolismo e o Neoparnasianismo para chegarem até a sua fase modernista, o primeiro Alphonsus de Guimaraens Filho aparece como poeta de sopro vasto e forte índole romântica, um Romantismo noturno entre San Juan de la Cruz e Novalis, com certa proximidade do Augusto Frederico Schmidt de então e do Vinicius de Moraes do *Caminho para a Distância*. Filho de um dos poetas mais perfeitos da língua e um dos nossos dois grandes simbolistas, o que é sempre um peso biográfico, o único traço de Simbolismo em *Lume de Estrelas* se encontra no estranho soneto de quinze sílabas "Hospital". Dois dos livros que se seguirão, por outro lado, *O Unigênito* e *O Irmão*, são de poesia quase militantemente católica, como a fizeram entre nós Jorge de Lima e Murilo Mendes, ou Péguy e Claudel na França. Um dos traços mais definidores de Alphonsus de Guimaraens Filho, entretanto, o do sonetista, dos maiores da poesia brasileira, explicita-se em seu segundo livro, *Sonetos da Ausência*, confirmando-se, em 1953, em *Uma Rosa sobre o Mármore*, belíssimo preito a seu pai, e em *Sonetos com Dedicatória*, uma série de homenagens a outros poetas, mortos ou vivos, amigos ou não, entre os quais encontramos vários retratos estético-psicológicos perfeitos, num gênero que teve a sua origem na Renascença e do qual o último Jorge Luis Borges nos deixou exemplares inesquecíveis.

A partir de *Aqui* a poesia de Alphonsus de Guimaraens Filho chega à sua plena maturidade, no sentido de depuração individual e domínio pleno do instrumento, no caso as três vertentes formais dominantes da poesia brasileira do século passado, ou seja, o verso livre, a forma fixa e a forma derivada do *romance viejo* espanhol, tão utilizado, nos mais diversos registros, por poetas como Manuel Bandeira,

Cecília Meireles, Vinicius de Moraes ou João Cabral de Melo Neto. A partir de tal estágio, mais ou menos nos anos de 1950, Alphonsus de Guimaraens Filho lançará mão *ad libitum* desses três processos, com igual mestria, e em relação ao terceiro o leitor avisado perceberá a grande ligação do poeta com a lírica espanhola. Parte da riqueza da sua obra, na verdade, vem de alguns aparentes paradoxos. Poeta mineiro e da paisagem mineira, é um dos nossos poetas do mar, desde a *Elegia de Guarapari* até *Cemitério de Pescadores*. Sendo um dos nossos poetas mais sensíveis à efemeridade do tempo e à onipresença da morte – como vemos em obras-primas quais “Soneto premonitório”, de *O Habitante do Dia*, ou “Canção”, de *O Tecelão do Assombro*, digna de Fernando Pessoa –, é por outro lado dos mais ligados à extrema modernidade, representada metonimicamente pelo seu livro *Ao Oeste Chegamos*, contemporâneo do surgimento de Brasília, ou por alguns admiráveis poemas sobre a conquista espacial. Poeta de severa índole elegíaca, que perpassa toda a sua obra, como vemos na trágica “Elegia do irmão”, em memória de João Alphonsus, até um poema como “João Guimarães Rosa: assim tê-lo”, inesquecível retrato do genial escritor, é igualmente um lírico ímpar dos momentos íntimos, familiares, da presença auroral da infância, assim como um notável poeta da amizade.

Nesta obra muito rica insinua-se, a partir de certa época, como seria natural, a temática da velhice, especialmente no grande livro que é *O Tecelão do Assombro*, no qual ela inspira obras-primas como “Segundo soneto dos oitenta anos”, “Impasse” ou “Soneto aflito”, assim como a presença do tempo que a outorga reaparece no admirável “Reses”. A angústia do que resta a dizer, por sua vez, é dolorosamente sintetizada no dístico final do “Soneto das palavras”: “Como ainda aflige aquilo que eu não disse,/ como se fosse um sol que só eu visse...”. Mas se algum poema nos parece exemplar dessa mais recente poesia de Alphonsus de Guimaraens Filho é o belíssimo “Cruz e Sousa e Alphonsus”, extraído do *fait divers* do encontro carioca dos dois poetas magistras e injustiçados em vida, poema que se banha numa sobre-humana luz de amor à poesia que sintetiza a própria trajetória do seu autor.

(Este texto é um trecho do livro *Uma História da Poesia Brasileira*, Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2007.)



CRUZ E SOUSA E ALPHONSUS

Numa rua central, vão Cruz e Sousa
e Alphonsus. Para conhecer o Cisne Negro
(1895, Rio de Janeiro),
Alphonsus veio da montanha.
Diria mais tarde, no seu jornal Conceição
do Serro, que “teve ocasião de passar
horas magníficas
com este maravilhoso artista”.

Eu os relembro, depois do encontro: Alphonsus esquecido
“em sua heroica e tocante solidão” em Mariana
“onde é mais triste ainda a triste vida humana”,
Cruz e Sousa, o que
“ficou gemendo, mas ficou sonhando!”
nos seus embates contra a vida áspera,
não raro cruel. Ambos, agora, iluminados
nas paragens da morte.

Sim, eu os vejo agora e para sempre juntos,
irmanados na estranha morada da poesia,
libertos dos sofrimentos, puros
e completos na amplitude
que a morte destina aos que deram à vida,
na grave fidelidade à própria alma,
uma luz para sempre inalterável,
chama que mão alguma apagará.

SONETO AFLITO

Sentir no corpo a fera que o estraçalha.
Pernas quebradas, mãos, quebradas mãos.
Sentir que a dor nem sabe onde é que encalha.
Ver a noite pousar nos corrimãos

do penoso fatal. Na cordoalha
de algum barco aflitivo, ouvir de irmãos
o grito exausto em sombra que se espalha
e uivos que fremem em obscuros vãos

onde alguém há que chama. Em dor me abraso.
As vísceras feridas, os cabelos
arrancados por dedos bem ao rés,

ah, derivar gemendo em poço raso
por entre restos de animais sem pelos,
sem carne já, e ver-se, de revés,

sumir além. Num sol. De Deus, acaso?

RESES

Vi, na colina, reses
pastando a tarde inanimada.
Já não as vi como das outras vezes.
Pois que agora, na mesma estrada,
não vi o que já vira tantas vezes:
reses, somente reses;
mas reses
pastando a tarde inanimada.

CANÇÃO

Não lamento os mortos.
Não; não os lamento.
Já cruzaram portos
sob estranho vento.

Aos vivos, lamento.
Porque cegos vão,
levados num vento
de alucinação.

Porque vão calados
ocultando (a quem?)
segredos crispados
que os mortos não têm.

ARTE MAIOR DO SONETO

JOSÉ GUILHERME MERQUIOR

Dante Gabriel Rossetti chamou o soneto de “monumento de um momento”. Na história do nosso verso moderno, essa forma ilustre, a mais cultivada entre as arquiteturas mais complexas do gênero lírico, acabou revitalizada na madureza do modernismo, que contudo nascera sob o signo de uma rebelião contra a sonetolatria parnasiana. Jorge de Lima, Augusto Frederico Schmidt e Murilo Mendes entregaram aos quatorze versos muito das suas fases finais “clássicas”, embora somente o primeiro tivesse estreado — antes de aderir à vanguarda dos anos vinte — como sonetista. Manuel Bandeira sempre fora mestre no soneto de talhe tardo-romântico (como os dos dois Rossetti) e traduziu, com modelar perícia, algumas pérolas desse formato, como o célebre “Torso arcaico de Apolo” de Rilke ou a página mais patética de Cummings — sim, de Cummings, por incrível que pareça. Quanto a Drummond, compôs, a partir de 1940, sonetos “duros” e maviosos sonetos obscuros, cheios de culterana argúcia metafísica; mas às vezes, como em “Carta”, preferiu a construção mais límpida e despojada.

Na primeira leva do verso pós-modernista — a geração de 45 — o soneto voltou a reinar. Alguns pretendem que o próprio retorno dos modernistas históricos ao soneto se deveu em boa parte à influência ou desafio da nova poética, amiga do metro e das estrofes regulares. Seja como for, quando os poetas não-vanguardistas dos anos cinquenta rezezaram aqueles que, nascidos em torno de 1920, constituíam a turma de 45, o decassílabo e o sonetismo já se achavam bem restabelecidos, a ponto de, cedo ou tarde, servirem de veículo predominante da dicção de Octavio Mora (*Ausência Viva*), Nauro Machado, Marly de Oliveira (*Explicação de Narciso*), Bruno Tolentino (*Anulação e outros Reparos*) ou Fernando Mendes Viana (*O Silfo-Hipogrifo*).

Em geral, porém, esses sonetistas, agora na meia-idade, participam da instalação, em nossas letras pós-modernas, do “estilo simbólico”. Não se entroncam, como os *nossos* modernistas, na poesia de confiança, no discurso lírico de feição autobiográfica; em vez disso, praticam o poema de tema ou tratamento mitológico, escrevendo naquilo que Hermann Broch apelidou de “estilo mítico” — a figuração de estados líricos em sentido impessoal e objetivista, muito diverso do *expressivismo* inerente à tradição romântica.

O Alphonsus de Guimaraens [Filho] de *Discurso no Deserto* (Cátedra/INL, 1982) toma precisamente a direção oposta. Seu forte é o soneto, mas, no soneto, o jogo da psicofania — a melodia da manifestação da alma, da transparente confissão do eu:

*Nestes sonetos vou dizer de tudo
que mais sonhei: do amor que vi pendido
como, digamos, animal ferido,
cruzando coxo um último caminho,*

*o último dos últimos; e um surdo
mas permanente anseio de indeciso,
de hesitante doer do que indiviso*

ficou no olhar como na carne o espinho.

Com ele o soneto volta a ser, resolutamente, o monumento de um momento — a cápsula verbal do vibrar de uma emoção.

Aos íntimos da artesanaria sonetística não escapará a sapiência da construção de Alphonsus [Filho], visível na sutileza do seu esquema de rimas (abbc/addc). São recursos magistrais, às vezes conjugados com ousadias de sintaxe, como na arrojada inversão de

*Que fique ao menos nesta de um arame
farpado e cruel cerca feroz que impede
ter o que a vida em seus desvãos concede,
a flor de casta chama e puro brilho.*

No entanto, nada, nesse *know-how*, de ostensivo ou semostrador. Ao contrário: Alphonsus oculta os andaimes da técnica numa acentuada singeleza de expressão, e numa economia vocabular que lembra a lição de Bandeira. Aliás, Alphonsus é, como esse outro fino sonetista que foi Odylo Costa, filho, um poeta que foge ao efeito pirotécnico da maioria das vozes de sua geração (a de 1945): e que, influído pelo despojamento bandeiriano, irá também evitar até mesmo alguns traços do lirismo de seu pai, o grande simbolista de Mariana. Certa copiosa melopeia, certos ritmos encantatórios tão inerentes à magia dos sonetos de *Pulvis*, se veem sacrificados — sem prejuízo de outra, íntima e secreta musicalidade — na poesia mais seca e mais simples do filho.

Simplicidade sábia, de quem conhece a fundo a estilística da repetição

*Não é hábito apenas, mas a estranha,
inconcebível luz que não aquece:
a gente olha o silêncio e se estremece,
e ausente mão ausente porta arranha.*

A repetição pode assumir aspecto anafórico, como na continuação do que acabamos de citar, ou nas quadras desse belo soneto inglês —

*Ninguém se engane se soar a hora,
se todos os relógios, de repente,
gaguejarem nem sei que dor fremente
que nunca veio e não se foi embora.*

*Ninguém se engane se souber quem chora,
que um grande choro convulsivo e quente
virá das coisas como espada ardente
atravessando a carne ontem, agora.*

*Ninguém se engane se dos seus papéis,
dos seus livros inertes, um lamento
terrível se levante como um vento
de maldição e de intenções cruéis.*

Na primeira leva do verso
pós-modernista - a geração
de 45 -, o soneto voltou
a reinar. Alguns pretendem
que o próprio retorno dos
modernistas históricos
ao soneto se deveu em
boa parte à influência ou
desafio da nova poética,
amiga do metro e das
estrofes regulares.

ou, ainda, com pequenas variações de fraseado, como em “Louvação”,
com seu abrupto *enjambement* –

*Nem sei se blasfemei. Se blasfemei,
Deus passe um pano sobre tanto sujo.
Sinto-me exausto numa torre cujo
vértice tento atingir e não verei.*

*Nem sei se blasfemei. Apenas sei
que muita vez suponho que em vão rujo,
que me rebelo eu, um caramujo
que nem minha própria casa salvarei.*

*Nem sei, nem sei se blasfemei. Apenas,
olhando agora para trás, concluo
que eu devia cantar ou ter cantado*

*não os meus males só, não minhas penas,
mas a Beleza em que já me diluo,
em que me integro, Deus seja louvado.*

Nessa poesia espiritualista, digna herdeira do catolicismo de Alphonsus pai, próxima, na convivência pessoal e literária, de outras vozes cristãs (Octavio de Faria, Afonso Arinos, Odylo, Antonio Carlos Villaça), duas notas se salientam: o senso transcendental da beleza (grafada à simbolista, com maiúscula) e o sentido da imanência da morte. É um tãtatos, o de Alphonsus [Filho], muito menos voluptuoso, libidinal, do que, por exemplo, o de Schmidt, ou o de Henriqueta Lisboa; mas nem por isso menos firme como impulso e Leitmotiv (nesse livro que está longe de só contar sonetos). Morte, sem dúvida, por instantes repelida, increpável, quase como a Signora Morte do diálogo de Leopardi, “macilenta velha (...)/ cega dançando a dança do impalpável”; mas quase sempre amena e até alada, serenamente domesticada pelo gosto de um além. Ao lado do pathos do nirvana em Drummond, ou do frêmito existencialista com que ele surpreendeu o sentimento do fim florescendo “no caule da existência mais gloriosa”; ao lado da plácida resignação de Bandeira ante a Indesejada das gentes, talvez ninguém haja encontrado palavras tão diretas, tão despidas da pompa dos circunlóquios, para liricizar a experiência comum do ser-para-a-morte –

*Se trazemos conosco nossa morte,
se ela conosco vai e amadurece,
a morte sofre muito e não parece;
mas eu bem sei: quer se fazer de forte.*

*Ela não tem nem chão como suporte,
é vento que se esvai ou se estremece
no que mão nunca vista em nuvem tece,
por mais que a nuvem seu desenho entorte*

*e se transforme em nada, transparente.
Se a trazemos conosco, me consola,
saber que quando enfim eu for somente*

*tudo que quis e que não pude ter,
poderei me dizer: “Ela está morta.
Minha morte não tem mais de morrer.”*

A quem fala esse murmúrio lírico, essa música lunar, senão à surdina do nosso próprio sentimento? Alphonsus de Guimaraens Filho é hoje um dos nossos mais altos poetas, na linha de toda uma tradição de sensibilidade e linguagem. Um poeta senhor, e não escravo, do soneto; capaz de criar, nas suavíssimas nonas brancas de “Canto” – com sua etérea trama de alma e morte, nome e noite – uma atmosfera inteira da mais rica e envolvente espiritualidade.

(Texto originalmente publicado em O Elixir do Apocalipse, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.)

CARTAS DE MÁRIO DE ANDRADE E MANUEL BANDEIRA

São Paulo, 27.V.43

Meu querido Alphonsus

Você diz pra eu lhe responder apenas “quando tiver vontade”, mas estou lhe escrevendo apenas pra experimentar este papel que não é nem pra tinta nem pra carta. E eu creio que o gesto é melhor que a “vontade”, estava impaciente pra experimentar o papel que é o mais barato achado na cidade, 36 milréis o milheiro, e me lembrei de lhe escrever. Quanto à vontade, V. não imagina como ando desprovido delas, eu! o maior vontadeiro desse mundo! Está se passando uma coisa estranha em mim, que não sei si é reflexo da doença, mas caí numa inexistência interior assustadora. Ando completamente desnortado comigo mesmo. Na aparência continuo o mesmo, apenas mais magro doze quilos e um pouco amarelado. Mas continuo, dando aulas, escrevendo minha crônica musical, cuidando dos meus trabalhos. Leio. Não saio mais de-noite a não ser por obrigação. Quando encontro amigos, converso da mesma forma. Parece que tudo está na mesma, porém por dentro eu morri. Ou desmaiei, pra usar palavra mais discreta. Não penso em mim, nas minhas coisas, não sonho, não tenho vontades, não gozo nem sofro. Às vezes me surpreende ver que a parte inteligência lógica do meu ser, continua agindo e produzindo (por obrigação). Não chego bem mais a perceber como é que ela trabalha, assim solta, desprovida de impulsos mais interiores, de bases mais profundas, de exigências mais completas. Tenho a impressão do fogo-fátuo bailarino solto no ar. Quanto ao corpo, a imagem exata não é a do autômato, é pior. Outro dia cheguei a viver um pouco mais completamente com um nojo que tive: estava no banho e de-repente me pareceu que estava lavando o corpo de outro homem. Está claro que a magreza atual deve ter influído muito na acusação e na repulsa consequente — mas não há dúvida que não sei com que olhos ando observando muito, e bastante desconfiado, um corpo sozinho, sem alma, nem ser. E maio está tão lindo no ar!...

Olhe, Alphonsus, dizem mesmo que não sou um companheiro muito cômodo e andei inventando um problema novo pra enquisilar o seu espírito e que talvez vá maltratar muito a sua sensibilidade. Mas seria desleal si eu não lhe propusesse o problema, tanto mais que ele é muito importante para caracterizar a riqueza produtiva do seu lirismo. Li os novos sonetos da Ausência que V. me mandou, gostei muito. Ainda gostei mais

na releitura de hoje do que no dia em que os versos chegaram. Gostei sinceramente, sem reserva.

Ora, sabe o que está me preocupando a respeito da poesia de Você? é uma das qualidades principais dela, um dos seus méritos. É certo que não reli duma vez só (muito importante, pra fixar opinião comparativa e bem baseada) todos os seus versos me mandados em carta ou publicados em revistas e jornais, posteriores a Lume de Estrelas. Mas eu ando achando que você já alcançou uma caracterização muito grande de personalidade. Eu sempre que leio alguma poesia sua acho, sinto os seus versos muito caracteristicamente de você, muito exclusivamente você. Não tem dúvida nenhuma que isto é um mérito enorme, uma grande qualidade. Terá seus perigos, mas não tem arte sem perigos, nem qualidade que não implique a sua antítese.

E é neste ponto que talvez V. deva estudar um bocado friamente o seu caso. Você já se propôs esta pergunta: Até que ponto V. não estará imitando você? A sua poesia não tem cacoetes externos, amaneirados, formais ou de sintaxe, como por ex. a minha tem. Mas não existem apenas receitas formais, objetivas, externas em arte, existem cacoetes, maneiras, receitas intelectuais e sentimentais. Por vezes, quando leio assim em seguida três ou quatro poemas de V., tenho uma sensação vaga do “fácil”. De um “fácil” seu, exclusivo de V., de um fácil que se insinuou dentro do difícil da caracterização livre da personalidade. Ora até que ponto V. já não sabe de-cor essa personalidade caracterizada e não estará repetindo ela, se imitando a si mesmo, se limitando num retrato, se deixando vagar numa maneira, e, o que seria mais prejudicial: impedindo que essa caracterização livre da sua personalidade esteja agora impedindo que esta mesma personalidade continui evoluindo e se caracterizando livremente?

Não esqueça, Alphonsus, que isso não é crítica nem muito menos censura. É exatamente um problema a estudar e um perigo a evitar. Perigo sempre ao pé dos fortemente caracterizados. Observe um Rubens em pintura, um Bach em música, um Erico Verissimo no romance, um Augusto Frederico Schmidt em poesia. É um problema que lida imediatamente com um dos pontos essenciais da arte: a da necessidade da obra-de-arte tal. Com o que se diria dantes: a “inspiração” e a imitação da inspiração. Pra mim, não tem dúvida nenhuma que algumas vezes o Schmidt não está fazendo Poesia mas apenas um “à manière de” Augusto Frederico

Schmidt. Talvez não poucas vezes... Está aí um exercício bom: V. já se lembrou de, sem nenhum mandado interior, sentar na mesa e com toda a aplicação e honestidade (imprescindível no caso) escrever um “à manière de” Alphonsus de Guimaraens Filho? Experimente pra ver o que sai.

E basta por hoje, arre! Desculpe si envenenei V. por alguns minutos. É mais uma prova que o meu espírito anda solto de mim, isento de simpatia humana, de vontade de acarinhar, de generosidade e bondade. Si eu estivesse completamente eu, creio que nunca não imaginava num problema penoso assim. Me perdoe, si puder, e acredite que eu sou superior aos meus venenos.

Tive um convite pra ir aí que em vez de me alegrar me fez sofrer: não posso ir, não devo ir. Falar a estudantes, falar o quê!

Também tinha que comentar com você o lado personalismo irreduzível, irreconciliável com o social, da criação artística, mas agora não posso mais. Você não era capaz de se analisar o mais intimamente possível quanto à fatalidade da sua poesia e me escrever sobre? Era um jeito ótimo de atacar o assunto mais de perto.

Com o abraço amigo do

Mário

(Cartão, sem data, mas posto no Correio em 31-VII-43)

Meu querido Alphonsus,
Fiz a infâmia insuportável de não lhe telegrafar e a Hymirene no dia 17. Vocês me perdoem que foi questão de esquecimento do dia, nesta trabalhadeira. Mas só do dia, e por isso lhes mando sempre em tempo o meu coração cheio de amizade e de alegria.
Com o abraço do

Mário

(Mário de Andrade estava se referindo à data do casamento de Alphonsus Filho com Hymirene em 17/7/1943.)



Em pé, da esquerda para a direita: Hymirene, Afonso Henriques Neto, Alphonsus Filho e Luiz Alphonsus. Sentada: a mãe de Alphonsus Filho, D. Zenaide. A menina em pé atrás é Dinah Guimaraens. Ao fundo, João Albino, filho de José Alphonsus, irmão de Alphonsus Filho.

Rio, 19 de out. 41

Meu caro Alphonsus.

Tenho um mundo de coisas por fazer, mas não posso deixar de responder imediatamente à sua carta de 16, recebida neste momento. Quando um poeta da sua força me pede conselhos, fico cheio de dedos, com medo de desviá-lo para o meu caminho, quando quem tem força anda sozinho. Mas desde que tem bastante força para decidir por si as sugestões alheias, então tudo está muito bem. Sua última carta mostra que você é dos tais. Já agora não tenho mais escrúpulos de lhe falar. No caso das elisões de vozes nasais, prefiro não as fazer (salvo o caso velho do com o), mas não me repugna absolutamente ver a elisão num bom poeta

como você, no qual a elisão não é licença, e ao contrário é elemento de força. Você tem toda a razão e eu entrego a mão à palmatória: “As nossas mãos em adeuses se desfolham” é muito melhor, como força expressiva e como ritmo, que “Nossas mãos em adeuses se desfolham”. Nas observações que fiz, quis ver até que ponto eram conscientes e justificáveis as suas elisões dessa espécie. Mais uma vez você provou que nasceu feito. Não fale de mim como sonetista. “Um sorriso” faz também os encantos do gramatical e parnasiano [José] Oiticica. Por isso até desconfiava do bicho. O seu voto altera a situação. A verdade, Alphonsus, é que soneto é poema de decassílabos. Pode haver maravilhas em alexandrinos, como o miraculoso “Heureux qui comme Ulysse a fait un beau voyage” de Du Bellay. Mas... Só ultimamente é que fiz uns dois ou três bons sonetos,

porque me pus na escola de Quental, que é a escola de Camões, que é a escola de Petrarca, que é a escola de Dante... e paremos por aí que estamos no sétimo céu. É, a “Renúncia” foi o melhor sonetinho até 1929 ou 1930, quando traduzi os três sonetos da [Elizabet Barrett] Browning e peguei o jeito. Saiu melhorzinho porque o fiz num subdelírio da minha tuberculose (41 graus de febre).

Gosto de conversar sobre esses problemas de técnica com poetas 100% como você, Vinícius, Mário, Ribeiro Couto, Carlos Drummond de Andrade. Chamo poeta 100% o que é artista também, isto é, artesão

também, – o poeta que sabe nadar em todas as águas: no oceano em completo perpétuo movimento do verso-livre e... nos blocos congelados da forma-fixa. Os poetas que não têm o verso medido nas ouças, mesmo quando da força extraordinária de um Schmidt ou de um Murilo, me causam um certo mal-estar nas minhas idéias sobre poesia. Como de resto o poeta-medidor que se perde no verso-livre que nem João mais Maria sem milho para marcar o caminho na floresta.

Um abraço do
Manuel

Petrópolis, 21 de fevereiro de 1942.

Meu querido Alphonsus.

Recebi sua carta de 4, acompanhada da crônica e dos sonetos. Muito obrigado por tudo. Demorei em responder, porque a sua carta me chegou no momento em que eu estava de saída para aqui, e aqui uma coisa e outra me impediam de escrever: a princípio nem mesa tinha no quarto. Ah, queria que você visse o meu quarto! Pequenitinho, em cima de uma garage com uma cama de solteiro (meia cama, aliás), uma mesinha de 15\$000 e um móvel que é guarda-roupa, cômoda, espelho ao mesmo tempo, tipo mobília de boneca. Quarto caiadinho de branco, que seria muito romântico, sim senhor, se a diária não fosse de trinta mil réis! Mas a comida é excelente, e eu estou pertinho das árvores, e de noite pertinho do céu.

Não tenho no entanto a felicidade de estar fazendo sonetos tão bonitos como esses que você me mandou.

Imperfeições e deficiências? Sinceramente não encontro nenhuma. O primeiro verso do primeiro soneto tem onze sílabas; e o quarto verso do primeiro e do segundo soneto só tem nove. Mas depois da minha antologia romântica e da edição do Casimiro, do Sousa da Silveira, um grande poeta e grande versejador como você não tem que dar satisfações a ninguém; nós é que temos de descobrir, como eu e o Silveira fizemos, os motivos secretos intuitivos que levam os poetas de verdade a pôr versos de 11 e 9 sílabas no meio de decassílabos. No caso dos seus sonetos estão transparentes os tais motivos, e quando você morrer (o que espero seja daqui a uns sessenta e tantos anos) e se fizer uma edição crítica de suas obras poéticas há de aparecer um Sousa da Silveira para o interpretar e defender das possíveis cavalgadas do fim do século XX...

Um abraço do
Manuel



Alphonsus Filho na década de 1940



O poeta na casa da família à rua Tomé de Souza, 56, em Belo Horizonte, em 1941. Ao fundo, as construções do complexo do Corpo de Bombeiros da cidade.

Rio, 14 de dezembro de 1943

Meu querido Alphonsus.

Estou realmente em grande falta com os meus afilhados! Não a levem, porém, à conta de desinteresse. O ano de 1943 foi de excessivos trabalhos para mim. Nomeado em junho para a cadeira de Literatura Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, tive de escrever dia a dia todo um compêndio da disciplina, por não haver no mercado de livros um livro que pudesse aconselhar aos meus alunos.

A revisão das poesias completas de Gonçalves Dias também me tomou muito tempo. A Academia dá o jeton mas também exige trabalho. A colaboração na Manhã me ocupa muito, não só na obrigação de escrever

um artigo semanal, mas na de visitar exposições de artes plásticas e fazer a crítica depois. Na Rádio Nacional fiz um retrospecto da arte brasileira. Sem falar na “poeira da estrada”: seleção de poemas para um antologia da lírica brasileira a ser lançada brevemente pela Martins, de São Paulo, etc.

Não tenho escrito a ninguém. A minha correspondência com o Mário de Andrade, antigamente constante e minuciosa, praticamente desapareceu.

Tenho pensado no prefácio que você me pediu para os Sonetos da Ausência, mas não cheguei a resolver o modo por que o fazer. Fiquei no entanto tranquilo: hei de me desobrigar da promessa, ainda que fazendo coisa curta, só pelo prazer, tão desvanecedor, de ver o meu nome unido ao seu nesse lindo livro. Nestes dias entrarei em férias na Faculdade e

pegarei no prefácio.

Foi uma delícia a leitura dos seus últimos poemas. Alegro-me de o ver assim numa perpétua primavera de lirismo e faço votos para que ela jamais acabe ou enfraqueça.

Receba, com Hymirene, as minhas saudades, e até breve... com o prefácio!

Grande abraço do
Manuel

Petrópolis, 6-1-44

Meu querido Alphonsus.

Aqui está o prefácio prometido para os Sonetos da Ausência. É também um Soneto, – porque afinal me pareceu que não ficava bem nenhuma explicação preliminar a livro que se explica tão bem por si mesmo na sua emoção tão fina e nos seus ritmos tão raros.

Pago os juro da mora mandando-lhe os Sonetos Espirituales de Ramón Jiménez.

Agora, diga-me uma coisa: você leu n'A Manhã um artiguete que escrevi no dia do aniversário de seu pai? [Bandeira se refere ao artigo "Alphonsus de Guimaraens" por ele incluído no II vol. de Poesia e Prosa, Aguilar, 1958, pág. 316.]

Estou descansando em Petrópolis até fim de fevereiro. Endereço: Hotel D. Pedro II, 26.

Muitos bons anos a você, a Hymirene e todos os seus.

Grande abraço do velho amigo
Manuel



Hymirene e Alphonsus Filho na década de 1960



Hymirene e Alphonsus Filho na década de 1990



ENTRE DEUS E O SILÊNCIO

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



Carlos Drummond de Andrade com Alphonsus de Guimaraens Filho em 1977.

O quarto livro de poemas de Alphonsus de Guimaraens Filho, se não apresenta com relação aos dois primeiros a característica de maior apuro formal, pois este já é uma conquista consolidada do autor, oferece entretanto, a meu ver, esta peculiaridade: nele, sem hesitação ou diversão de cuidados, acentua-se e precisa-se a natureza do poeta, que encontra nos temas do misticismo a fonte mais alta de sua inspiração.

Estreando com reconhecida opulência de meios e muita mocidade, presa de sugestões românticas, e não exercendo naturalmente sobre um vocabulário ainda desordenado o domínio dos que amadureceram o uso de seu instrumento, Alphonsus Filho desde logo atraiu a atenção dos amigos da poesia, sem entretanto permitir a formação imediata de um julgamento seguro de suas possibilidades. Mas a sua veia poética era tão autêntica que o problema de classificação pedia apenas tempo para ser esclarecido. Não era lícito duvidar de sua força, nem da continuidade de uma mensagem que por certo não se esgotaria logo às primeiras efusões, como é o caso de tantos outros estreantes aparentemente bem dotados e que contudo se exaurem no ato da aparição.

Com efeito, não desdenhando divulgar os seus versos, mas guardando-se de reuni-los em livro antes que se confirmassem os novos caminhos trilhados em sua inquieta procura, seis anos depois dava-nos um volume de *Poesias* que se distingue pela revalorização do soneto lírico, acentuada por Manuel Bandeira. A riqueza particular do livro residia na frescura e sutileza dessas falas de amor saudoso, em que o autor se comprazia, e nas quais sabia renovar a lição dos antigos, introduzindo na tessitura clássica do molde e do sentimento como que um arranjo moderno, de sensibilidade ao mesmo tempo profunda e errante, ávida de desvendar conexões novas entre o mundo do amor e o mundo natural. Assim, quando arremata o soneto XLIII dizendo que o par amoroso, ao ouvir o coração e o céu, se quedou calado numa aflição de afagos escarminhos, o insólito aparecimento do adjetivo revela o abismo de distância entre o amator seiscentista, fervoroso e melancólico, mas linear, e o seu correspondente moderno, em que a complexidade da vida psicológica determina sensações e reações não entrevistas pelo antigo. Já na segunda parte do volume, o título escolhido por Alphonsus Filho define entretanto o rumo que ele irá tomar, embora o livro seguinte, *A cidade do Sul*, de 1948, não o desenvolva nitidamente: “Nostalgia dos anjos”. Dir-se-ia que a incursão inevitável pelos domínios do amor humano o terá preparado para melhor avaliar e esgotar as riquezas do amor divino. Mas a observação carece de valor, pois as tendências místicas neste poeta são realmente inatas. Seria frívolo dizer que apenas as recebeu, em herança espiritual, de seu glorioso pai. Sabemos que tais bens não se transmitem necessariamente, e admirável é que o filho de um grande poeta seja por sua vez poeta, e muito mais ainda que se afinem os temperamentos na preferência pela mesma ordem de temas e sugestões. Menos como valor de herança que como dom inapreciável de sua natureza, Alphonsus Filho foi pouco a pouco desvendando a si mesmo e a seus leitores todo um mundo de contornos mágicos, em que se dissolviam as aparências



Alphonsus Filho na varanda do apartamento de Drummond no Rio de Janeiro, 1977

da vida cotidiana, para dar lugar a realidades outras e mais altas, a cujo contato a alma experimenta a emoção absoluta de se reencontrar numa pátria perdida.

A “nostalgia dos anjos” não é manifesta em *A Cidade do Sul*, mas, sem embargo, este livro já mistura ao lirismo individualista elementos que o transcendem. Assim, a preocupação com a morte não se situa no plano imediato do amante que teme perder a presença do ser amado. É uma inquietação metafísica que se desprende de seu conceito poético. A morte, a noite e o mistério da existência compõem a atmosfera deste livro. E eis que o poeta nos apresenta *O Irmão* (1950), onde atinge a culminância de sua pesquisa moral e se define em termos cristãos que o conduzem à plenitude do canto.

A identificação com o cristianismo foi o grande passo dado por Alphonsus de Guimaraens Filho para fixar sua poesia no ambiente que a melhor desenvolveria, fazendo-a manifestar-se nos seus mais puros e elevados acentos. Não houve adesão a uma fé que sempre o alumiará:

*O reino que nasceu contigo e desde a infância
Te persegue dizendo a cálida linguagem
Que trazes no teu ser, que transfigura a carne...*

Mas houve como que a aceitação plena desse reino, ato de humildade do temperamento poético, já agora admitindo que não restava mais nada a fazer senão procurar captar e transmitir as mensagens desse mundo sobrenatural, ao invés de se perder no emaranhado das precárias visões e aparências terrestres. Pouco importa, ainda, que essa submissão ao sobrenatural não elimine todo resíduo de temporalidade e por vezes se lamente o poeta:

*Senhor, na minha fraqueza
Não sei Te ver... Entretanto
Como o pão de Tua mesa.*

*Não sei Te ver quando estou
Preso ao mundo, e tenho o espanto
E tenho as trevas do mundo.*

Esses toques de sombra não fazem senão realçar a luminosidade do painel em que se move a poesia de Alphonsus de Guimaraens Filho, consagrada neste volume à exposição de um estado permanente da alma em êxtase diante do seu criador, e realizando aquela fusão de que fala Edgar Poe em “Eureka”, do coração divino com o nosso próprio coração. Amor

supremo, que se manifesta num sentimento de intensa e generalizada fraternidade:

*Senhor, me sinto irmão desesperadamente!
 Fraternal, indissolúvel. Irmão da planta imóvel, irmão da fera, irmão
 Da estrela e do cigano, irmão do saltimbanco.
 Irmão da água, irmão da noite, irmão
 Da morte! Sempre irmão! Na carne desolada
 Que desce para o chão e curva o seu mistério
 Para a noite febril que sopra do passado.
 Na carne desolada o mundo se revolve,
 Senhor, me sinto o mundo! E é intenso e além do homem
 Sentir na própria carne a criação do mundo!*

Em famoso estudo sobre a experiência poética, lembra Rolland de Renéville que os místicos e os poetas, embora diferindo em suas rotas sob tantos pontos, acabam por alcançar, em fase final da experiência, um modo comum de conhecimento, que é a consciência tenebrosa, espécie de “luz sem sol”, em que se comprazem igualmente um Novalis e uma Santa Teresa de Ávila. Essa realidade tenebrosa é, afinal, mais clara e iridescente que a outra exposta aos nossos sentidos humanos. A ela atinge, agora, Alphonsus de Guimaraens Filho, o que vale dizer: o sentimento místico da vida elevou-se à maior altura poética. Bem sabemos que um poeta místico não é ainda — e afortunadamente para nós — um verdadeiro místico, porque enquanto este vai encontrar no silêncio a chave última de sua comunicação com Deus, aquele se esforça por converter em palavras o resultado dessa comunicação. Mas, por sua vez, é da leitura e meditação de poetas que se nutre em grande parte a vida espiritual dos místicos. Esta poesia não nos conta apenas um deslumbramento pessoal: conduz-nos a outros.

Dir-se-ia que a incursão inevitável pelos domínios do amor humano o terá preparado para melhor avaliar e esgotar as riquezas do amor divino. Mas a observação carece de valor, pois as tendências místicas neste poeta são realmente inatas. Seria frívolo dizer que apenas as recebeu, em herança espiritual, de seu glorioso pai. Sabemos que tais bens não se transmitem necessariamente, e admirável é que o filho de um grande poeta seja por sua vez poeta, e muito mais ainda que se afinem os temperamentos na preferência pela mesma ordem de temas e sugestões.

POEMAS DE ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

DELÍRIO

A Mário de Andrade

Há soalhas tinindo. São pandeiros.
Dos céus, dos mares, dos estivadores,
chegam canções. E contam que os amores
morreram. Até os puros e os primeiros.

Serão canções carnavalescas? Cheiros
de éter, contorções, risos e cores.
Mulheres mortas. Préstitos. Temores.
Ventos do norte, ventos companheiros...

Há soalhas tinindo. Um enterro passa.
Vão sepultar a leve incompreendida.
Chocalham risos. Vai cantar alguém.

Sufoca a treva. Mata. Amor? Chalaça...
Eulália é morta? Eulália está ferida?
Falem mais alto, que eu não ouço bem.

CANÇÃO DE NATAL

A Criança que dorme
é tua e também minha.
Junto dela a grande noite
se apaga, e se avizinha

a madrugada santa,
com seus rumores castos...
E a Criança repousa,
e a Criança se esquece,

enquanto que no espaço
e no tempo se tece
a coroa de espinhos,
como um luar de sangue
sobre os altos caminhos.

POEMA SONHADO

Para Hymirene

Se não for pela poesia, como crer na eternidade?
Os ossos da noite doem nos mortos.
A chuva molha cidades que não existem.
O silêncio punge em cada ser acordado pelos cães invisíveis do assombro.
Os ossos da noite doem nos vivos.
A escuridão lateja como um seio.
E uma voz (de onde vem?) repete incessante, incessantemente:
Se não for pela poesia, como crer na eternidade?

CANÇÃO DA MOÇA DO LENÇO AZUL

A noite morde a distância
nas praias do vento sul.
E dizer que me pescaste
a moça do lenço azul!

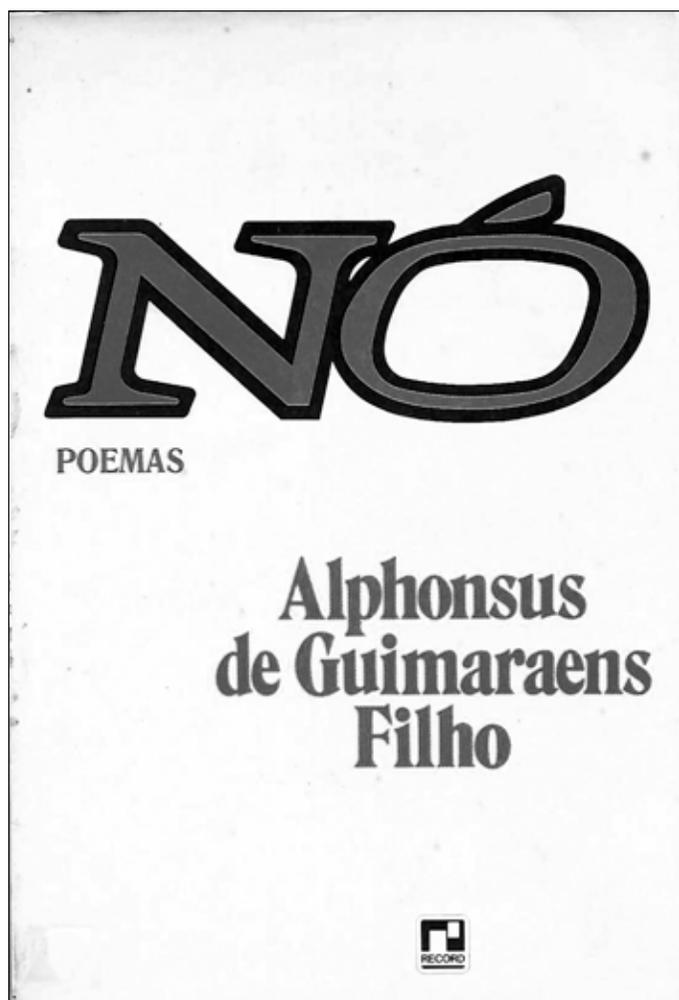
Me deitarei no lajedo,
tuas mãos nos meus cabelos...
Perdi de todo o meu medo,
atirei fora os meus zelos.

Sou todo luar... Molhei-me
de luar na água do rio.
Entre as estrelas deitei-me
e não me queixei do frio.

Feri as faces da lua,
feri-a rindo... E o luar
me deu a paragem nua
onde a doida vai lembrar.

Abri a minha varanda,
vi a noite... A estrela ria
me acenando da outra banda,
fria, fria...

Me perder onde me achaste,
nas praias do vento sul!
Pescador, ouve o lamento...
Pescador, por que pescaste
a moça do lenço azul?



POESIA E ORIGEM

O pólen de ouro que arde no recesso
das corolas, no segredo dos pistilos;
a visão musical de outros tranquilos
céus onde o amor esteve (ou está) disperso;

a secreta palpitação de uma beleza
mais casta, de uma luz que se anuncia,
trazem-me a sensação do próprio dia,
numa contemplação que é mais certeza.

Certeza? Antes, o supremo encantamento
de quem renasce com as manhãs, em luminosa
plenitude, e as vê morrer, frágeis, ao vento.

A poesia é o dia reinventado.
E nós, que tanto sonhamos ao criá-la,
não nos lembramos mais de haver sonhado.

O SONETO DA CAPELA DE SANT'ANA

Ceguei sem nem saber porque viria.
Ceguei cantando em plena madrugada.
Por encontrar a porta entrecerrada,
cantando entrei. Cantando ficaria,

não fosse o Teu silêncio, a mão cansada
contendo a claridade fugidia.
Senhor, eu nem cuidara de mais nada,
com tanta ardência desejara o dia.

A capelinha – um céu silvestre e vivo –
dormia no sossego da montanha.
E eu que cantava e ria sem motivo,

quem é que diz que poderia agora
ao ver-Te o olhar ferido e a dor tamanha,
deixar-Te aí, Senhor, para ir-me embora.

CANÇÃO ANDEJA

É nada o que eu te ofereço.
Menos será que um gemido.
E nele, mal despedido,
converto-me, desapareço.

Ó formas pobres e nuas,
no pavoroso desgaste!
Eis a noite presa à haste:
quem lhe deu tamanhas luas?

Suspeito, por suspeitar,
que além da primeira esquina
virá a névoa divina
como luz dentro do mar.

DO AZUL, NUM SONETO

Verificar o azul nem sempre é puro.
Melhor será revê-lo entre as ramadas
e os altos frutos de um pomar escuro
– azul de tênues bocas desoladas.

Melhor será sonhá-lo em madrugadas,
fresco, inconstante azul sempre imaturo,
azul de claridades sufocadas
latejando nas pedras – nascituro.

Não este azul, mas outro e dolorido,
evanescente azul que na orvalhada
ficou, pétala ingênua, torturada.

Recupero-o, sem ter, e ei-lo perdido,
azul de voz, de sombra envenenada,
que em nós se esvai sem nunca ter vivido.

NASCITURO

Que direi eu ao nascituro?
 Dar-lhe-ei um pouco do escuro
 sentimento que vem da vida?
 Ou direi antes da impressentida

estrela que existe no fundo
 do mais amargo sofrimento?
 Dar-lhe-ei um pouco do sentimento
 escuro, de que é feito o mundo?

Ou direi antes da aflitiva
 certeza – humílima certeza –
 de que a maior, divina beleza,
 não consola esta coisa viva,

esta pobre, inquieta argila,
 que é o homem, com o seu destino?
 Ou direi antes ao pequenino
 que dorme na antecâmara tranquila

palavras de uma primavera
 que os deuses reservam para o que vem?
 Que direi eu ao que está sem
 pecado ou culpa, ao que não era

senão na minha esperança, e agora
 claro e preciso se anuncia?
 Dar-lhe-ei um pouco do meu dia
 ou viverei de sua aurora?

SONETO DOS QUARENTA ANOS

Não me ficou da vida mágoa alguma
 de que possa lembrar aos quarenta anos
 senão esses cansados desenganos
 que o mar que trouxe leva como espuma.

Foram-se os anos, mas que são os anos?
 Chama que em sombra esfaz-se, apenas bruma.
 As horas que eu vivi, de uma em uma,
 deixaram sonhos e deixaram danos.

Muita morte passou n'alma ferida:
 meu pai e meus irmãos, mortos amados.
 Mas pela minha vida passou vida,

passou amor também, passou carinho.
 E pelos dias claros ou magoados
 não fui feliz e nem sofri sozinho.

CADEIRA DE DENTISTA

Qualquer coisa nos diz que a liberdade é próxima.
 Do alto edifício, a paisagem se modela nitidamente ao sol.
 Mas que paisagem? São os mesmos blocos de edifícios altos e sujos.
 E a solidão das janelas.

Qualquer coisa nos diz...
 E, no entanto, esta inexorável submissão ao destino.



OS EMBARCADIÇOS

Aqui – como a um cais chegam veleiros –
 chegam os embarcadiços, já cansados.
 Onde das mãos os gestos costumeiros
 ou o ruído dos pés paralisados?

Chegam, mas tão discretos, com tal sigilo,
 que ao próprio silêncio se incorporam
 ou, antes, quedam inertes para ouvi-lo.
 No entanto, em torno, as águas choram, choram.

SONETO PREMONITÓRIO

Sobre este plano, liso chão, me deito
 à maneira dos mortos. Que arrepio...
 Que sensação estranha de outro frio,
 como uma unha, me escalavra o peito...

Me deito aqui, no liso chão, e espreito...
 Guardam as coisas, que do chão espio
 crescerem para mim, num desafio,
 não sei que grave gesto insatisfeito...

Tanto me habituei a estar comigo
 que ir-me embora de mim me causa pena.
 No liso chão deitado o corpo sente

um sossego de estar – de estar somente –
 coisa que à grande inércia se condena,
 pedra, talvez, de algum túmulo antigo...

O DELFIM

Deu-se que não havia chá, nem salão, nem mesmo
 a dama que me esperava.

– O delfim estará?

– Senhor, o delfim é ausente.

– Então três chávenas de chá-da-índia! Três chávenas de chá-da-índia!

(Pausa)

– Mas... o delfim é ausente?

– Senhor, o delfim é morto desde os idos de dezembro.

– Então três chávenas de lua! Três chávenas de lua! Por Deus, três chávenas de lua!

**DEVORAR**

Devorar esses livros como quem
 come folhas de alface. Devorá-los,
 de muitos condimentos salpicá-los,
 para que afinal nos saibam bem.

Não feri-los, roê-los, esmagá-los.
 Devorá-los com a fome que nos vem
 da esperança talvez de iluminá-los,
 de revelá-los sem tristeza, sem.

Não impulso de papirofagia,
 ou de quem come cinza. Tão-somente
 ir ao cerne da noite que os retém.

Devorá-los com certa nostalgia,
 em nós fundi-los derradeiramente,
 e então deixá-los como lhes convém.

RECADO

Como se me trouxesse algum recado
do céu, uma ave entrou-me pela casa.

Ficou em tudo um frêmito de asa,
frêmito breve de um inesperado

mundo feito de sol, de céu, de canto.
Como se me trouxesse uma certeza

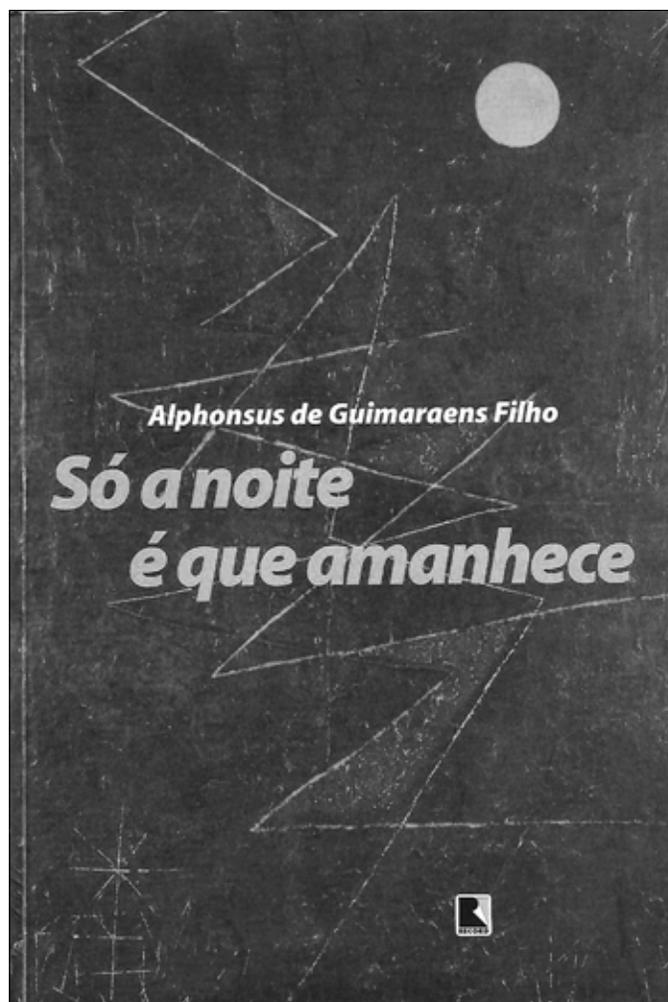
que sacudisse meu cansado espanto,
entrou, se foi, e mais do que indefesa

pareceu-me, não sei, estranha e forte
tal como o sopro da manhã, do dia,

algo tão belo que eu não entendia,
a pobre vida dominando a morte.

Como se me trouxesse algum recado...
E o recado ficou, indefinido,

pairando em mim, vago e transfigurado
pássaro ausente num jardim caído.

**SORTILÉGIO**

Dir-se-á queres ver onde nem Deus veria.

NA LUZ ABSURDA

Há uma luz absurda despenhando-se...
Despenhando-se, ferindo
com adagas de cristal a dor da sombra.
Na luz absurda, absurda fábula, o homem
abre janelas que se vão no vento...

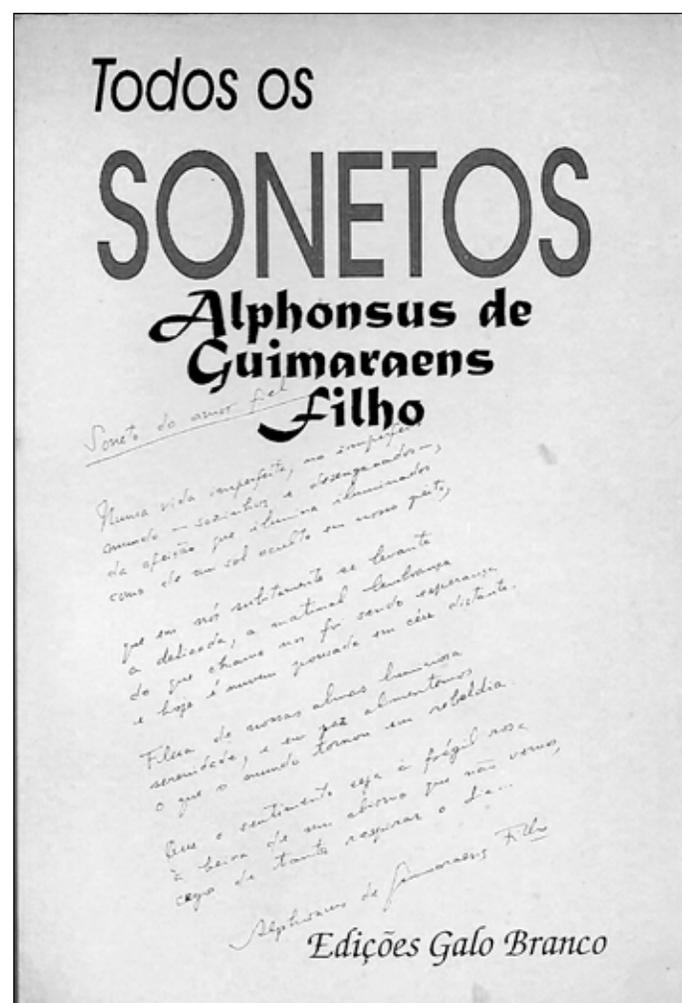
DEITAS TEU CORPO EM FLOR

Deitas teu corpo em flor no campo claro
e toda ao sol te entregas, matinal.
Um perfume de luz se espalha qual
puro delírio, canto esquivo e raro.

Sorver o aroma, recolher o puro
estremecer de flor, ó pólen, ó mel
que irrompendo de tudo vibra em céu
de água a cair das coisas num futuro

instante de fantástica beleza
e de beijo e de afago e de um supremo
arfar de chama em límpida penugem.

Deitas teu corpo em flor, e a natureza
funde-se em ti no alto silêncio extremo
de volúpia desfeita em brisa e nuvem.



BALADA DOS MOÇOS DOS TEMPOS D'ANTANHO

Na Praça da Liberdade,
 na liberdade das ruas
 da madrugada, se iam
 cinco amigos de verdade
 confidenciando as suas
 mágoas que desconheciam,
 no aquário do mundo estranho.

Onde estão eles, moços d'antanho?

Otto Lara Resende, vindo
 de São João del-Rei, dizia
 que só mesmo a gente caindo
 dentro da Igreja, pelo teto
 de uma igreja, desabando
 da nossa perplexidade na
 paz de um porto supremo e quieto.

Otto, te banhas na Luz? Me banho?

Onde estão os moços d'antanho?

E Paulo Mendes Campos, referto
 de poesia, Paulo grave, profundo
 no jeito de quem não-está,
 Paulo absorto em sombras, ferido
 de um sentimento (seu) do mundo,
 pairando acima do deserto
 em que um poeta vai perdido
 atrás de imaterial rebanho...

Onde estão os moços d'antanho?

Fernando Sabino que agitado
 como a própria mocidade, trazia
 méritos de atleta, e se encharcava
 também no sumo da poesia,
 Fernando todo alacridade,
 Fernando todo claridade,
 a mocidade transfigurava
 no seu impulso de atleta-poeta,
 de atleta-poeta convulsionado
 empós de um reino fugaz, perplexo,
 mais belo por mais desconexo
 no aquário do mundo estranho.

Onde estão os moços d'antanho?

Hélio Pellegrino, flamante,
 movido ao impulso que arremetia
 às águas fundas, ao diamante
 dos diamantes (a poesia?),
 Hélio sonhando, Hélio bradando
 por uma vida além da vida
 e suspirando e se agitando
 na sua inquietação de moço
 para quem tudo somente era
 grande luz de invisível poço,
 poço de Deus? da alma? clara,
 luminosíssima cisterna
 mal suspeitada e aberta para
 a única manhã-manhã, e eterna.

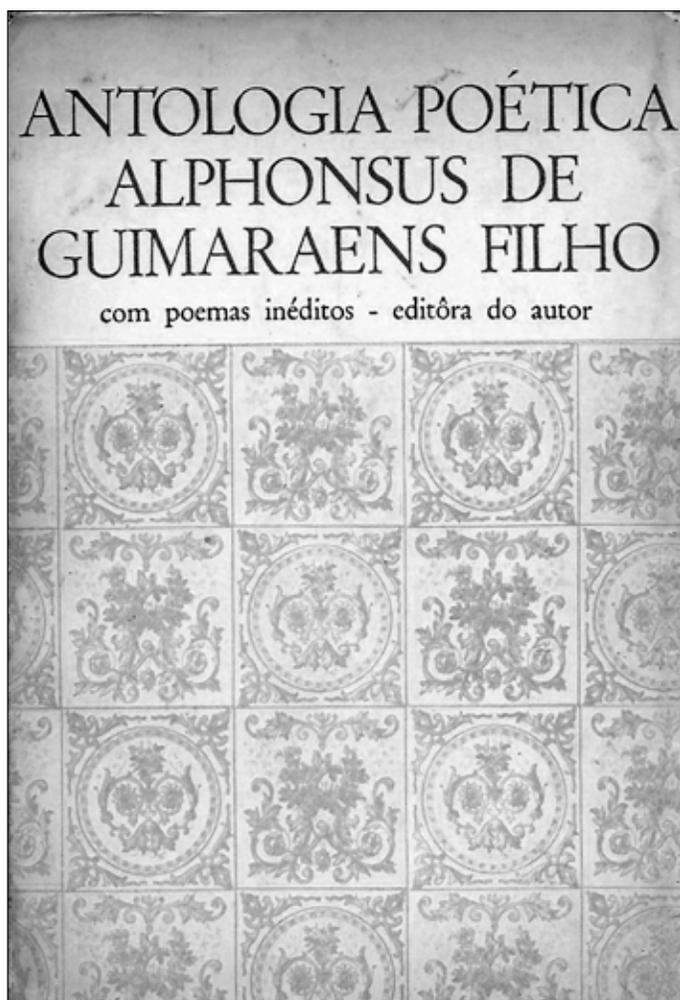
Onde estão os moços d'antanho?

E o visionário conduzindo
 na própria treva a perdição
 do que simula ser tão lindo
 e é mais que cinza e frustração,
 ele, sonhando, ele, com amigos
 indo nas ruas da cidade
 como quem sabe que (já antigos)
 os dias guardam uma saudade
 que com o tempo será terrível
 brasa tenaz, inconsumível,
 na carne (na alma) maldito lanho...

Ei-lo a indagar, a sós, olhando
 no que, já ido, ainda está vibrando:
 Onde estão eles, moços d'antanho?
 Onde estão moços do estranho antanho?

RETRATO*A meu pai*

Por mais que fosses triste, sempre eras
alguém voltado para iluminantes
manhãs, e as frutas, rosas deslumbrantes,
e as frescas, recedentes primaveras
que o teu olhar nas coisas distinguiu.
Por mais triste que fosses, a esperança
de amar, ou contemplar numa criança
a ingênua luz do mais ingênuo dia,
sempre seria teu refúgio... E agora
que emerges do papel escurecido,
as mãos sobre o espaldar de uma cadeira,
no rosto o brilho de uma luz amiga
e o olhar no longe como que perdido,
sinto que em mim renasces, que a poeira
que és de novo ganha a forma antiga...
E que é tua também a minha hora.

**QUANDO EU DISSER ADEUS...**

Quando eu disser adeus, amor, não diga
adeus também, mas sim um "até breve";
para que aquele que se afasta leve
uma esperança ao menos na fadiga
da grande, inconsolável despedida...
Quando eu disser adeus, amor, segrede
um "até mais" que ainda ilumine a vida
que no arquejo final vacila e cede.
Quando eu disser adeus, quando eu disser
adeus, mas um adeus já derradeiro,
que a sua voz possa me convencer
de que apenas eu parti primeiro,
que em breve irá, que nunca mulher
amou de amor mais puro e verdadeiro.

SONETO*A Maria José de Queiroz*

A uma réstia de sonho chamam vida.
A uma sombra maior chamam-lhe morte.
Vida e morte, não mais, pouso e suporte,
sopro de permanência e despedida.

Uma treva febril noite é chamada.
A uma luz mais febril chamam-lhe dia.
E entre elas se põe a estrela fria
que irrompe como flor da madrugada.

Paira em tudo um silêncio que anoitece,
que amanhece, que vence todo ruído,
e como sol não visto num perdido
horizonte se esfaz e se retece.

Tudo é longe demais, por demais perto.
E a alma, que faz neste feroz deserto?

A CATEDRAL

São mãos em apelo, mãos
em apelo, voltadas
para o que é longe e puro.
Do chão vermelho surgem
– mãos, apenas – abertas
como asas a quem o voo
negassem; como vozes
nunca ouvidas, clamor
nunca atendido, pranto
ou canto de esperança,
voltadas – mãos, apenas –
para o que é longe e puro.

Pois que ventos terríveis,
que noites crespas, que insano
uivar de mar e treva,
que tempestade acaso,
que tormenta diria
mais que estas mãos humildes,
– mãos, apenas – voltadas
para o que é longe e puro?

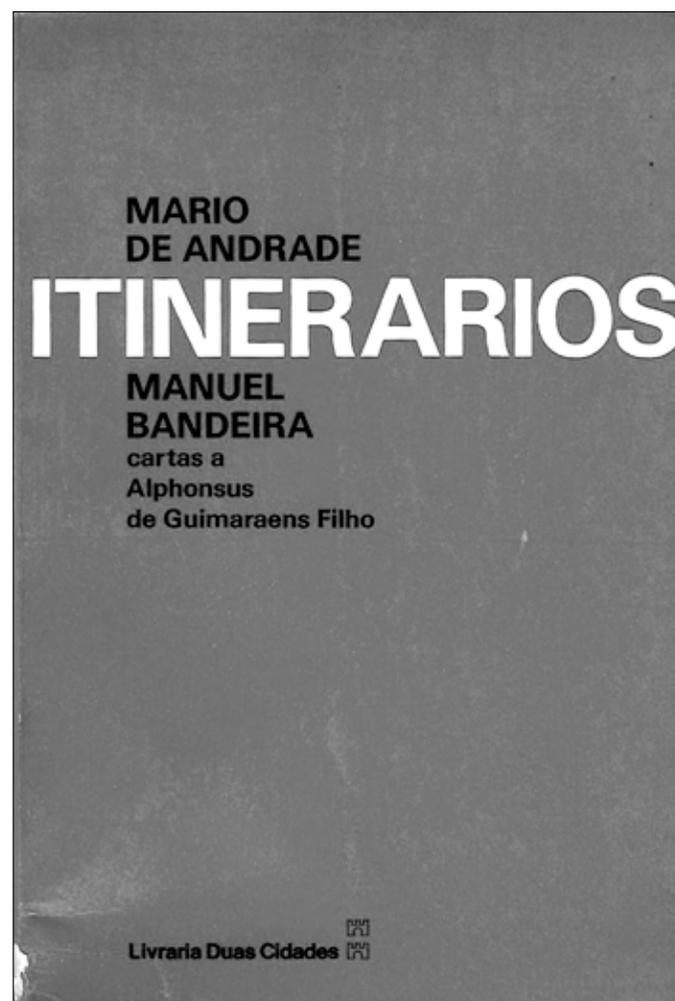
SEGUNDO POEMA DOS OITENTA ANOS

O eterno indagar: por que chegamos?
E na viagem que se segue inquieta
e trepidante, quem em nós secreta
pungir ou alegria indecifrados,

que se fundem, se esvaem, quando vamos?
Cada década se esfaz e como pesa
depois, sentir o ido! O que se preza
é algo que veio num rolar de dados.

Mas eis-me aqui, jungido a este momento
em que tudo é um volver para o já sido
que eu busco em vão nos seus desvãos reter,

vendo que a sombra de um veleiro lento
é tudo o que restou de um cais partido
onde espantoso mar devora o ser.

**MOMENTO**

Minha amada tão longe! Com franqueza:
eu penso sempre em me mudar daqui.
Pôr na sacola o pão que está na mesa,
sair vagabundando por aí.

A luz do quarto ficará acesa.
(Foi neste quarto que eu me conheci...)
Deixarei um bilhete sobre a mesa,
dizendo a minha mãe por que parti.

Ah! ir cantando pelo mundo afora
como um boêmio amigo das cantigas,
alma febril que a música alivia!

Se perguntarem, digam: "Ainda agora
saiu buscando terras mais amigas,
mas é possível que ele volte um dia".

REMBRANDOS DE FAMÍLIA

DEPOIMENTO DE AFONSO HENRIQUES NETO A JOÃO POMBO BARILE



Alphonso Filho na década de 1940

Quando preparávamos este número em homenagem a Alphonso de Guimaraens Filho, nos demos conta das inúmeras histórias da família que mereciam um registro. Um trecho do poema “Retrato de família”, do grande Drummond, não me saía da cabeça: *A casa tem muitas gavetas / e papéis, escadas compridas. / Quem sabe a malícia das coisas, / quando a matéria se aborrece?*

Filho de Alphonso de Guimaraens (1870-1921), sobrinho-neto de Bernardo Guimarães (1825-1884), irmão de João Alphonso (1901-1944), Alphonso nasceu, viveu e morreu rodeado da literatura. “O centro da vida dele sempre foi mesmo a poesia”, confessou seu filho, Afonso Henriques Neto (1944), num encontro que tivemos em Belo Horizonte.

E são algumas destas histórias que o leitor lê a seguir. Feita a partir de uma conversa com outro Guimaraens, o poeta Lucas Guimaraens (1979), resgatamos alguns episódios da vida de Alphonso de Guimaraens Filho. E que ajudam a contar um pouco a história da poesia brasileira.

***Pulvis* é um livro de Alphonsus de Guimaraens publicado postumamente. Há uma história interessante sobre manuscritos seus encontrados no início da década de 1930 em Belo Horizonte e que muito serviram para o estabelecimento da estrutura final de *Pulvis*. Que história é essa?**

Alphonsus de Guimaraens faleceu em Mariana em 1921, deixando inéditos três livros de poesia: *Pastoral aos crentes do amor e da morte*; *Escada de Jacó* e *Pulvis*. A *Pastoral* estava por completo organizada e foi editada por João Alphonsus em 1923. O poeta simbolista também deixou bem encaminhadas as estruturas dos livros *Escada de Jacó* e *Pulvis*. A viúva de Alphonsus, D. Zenaide, se mudou com os filhos para Belo Horizonte em 1923, quando Alphonsus Filho, o caçula da família, tinha cinco anos de idade. Dez anos mais tarde, Alphonsus Filho fez uma grande descoberta: em cima de um guarda-roupa colocado em aposento para guardar coisas velhas, localizado fora da casa de Belo Horizonte, ele encontra grande embrulho bem amarrado. Curioso, abriu o embrulho e se deparou com inúmeros manuscritos do pai. Pelo que percebeu em um primeiro passar de olhos, tratavam-se de poemas que deveriam constar do último livro de Alphonsus, *Pulvis*. Alphonsus Filho conversou com a família sobre o achado e ficou sabendo que a irmã mais velha, Ana Eulira – familiarmente conhecida por Lira –, havia encontrado, nas vésperas da mudança de Mariana para Belo Horizonte, os manuscritos no fundo de uma gaveta no escritório do pai. Embalara, assim, às pressas o material e o colocara na mudança, salvando a preciosidade. Alphonsus Filho levou os manuscritos até a casa de João Alphonsus, que tomou um grande susto com o achado. Meu pai me narrou que João, entre tanta coisa, disse ter Alphonsus Filho encontrado uma verdadeira mina de ouro. É óbvio que esse material muito serviu para o estabelecimento da estrutura final do livro *Pulvis*, conforme foi publicado pela primeira vez na edição da poesia completa de Alphonsus de Guimaraens de 1938, organizada por João Alphonsus com revisão de Manuel Bandeira.

É nítida na poética de Alphonsus de Guimaraens Filho sua busca de origem – do pai que efetivamente não conheceu – até a perda de seu irmão, o contista João Alphonsus. Nesse sentido, o que poderia ter sido, para Alphonsus de Guimaraens Filho, a função da poesia?

A vocação poética de Alphonsus de Guimaraens Filho era de tal ordem, que teria se manifestado com força independente dos grandes nomes da família que o cercavam. Contudo, o não ter conhecido o pai poeta marcou, como era de se esperar, de maneira profunda, seu espírito. Ao longo da vida, ele nunca deixou de buscar os rastros do pai, inclusive para além da poesia que nos legou o poeta simbolista. Com a morte

A vocação poética de
Alphonsus de Guimaraens
Filho era de tal
ordem, que teria
se manifestado com
força independente
dos grandes nomes da
família que o cercavam.
Contudo, o não ter
conhecido o pai
poeta marcou, como
era de se esperar, de
maneira profunda,
seu espírito.

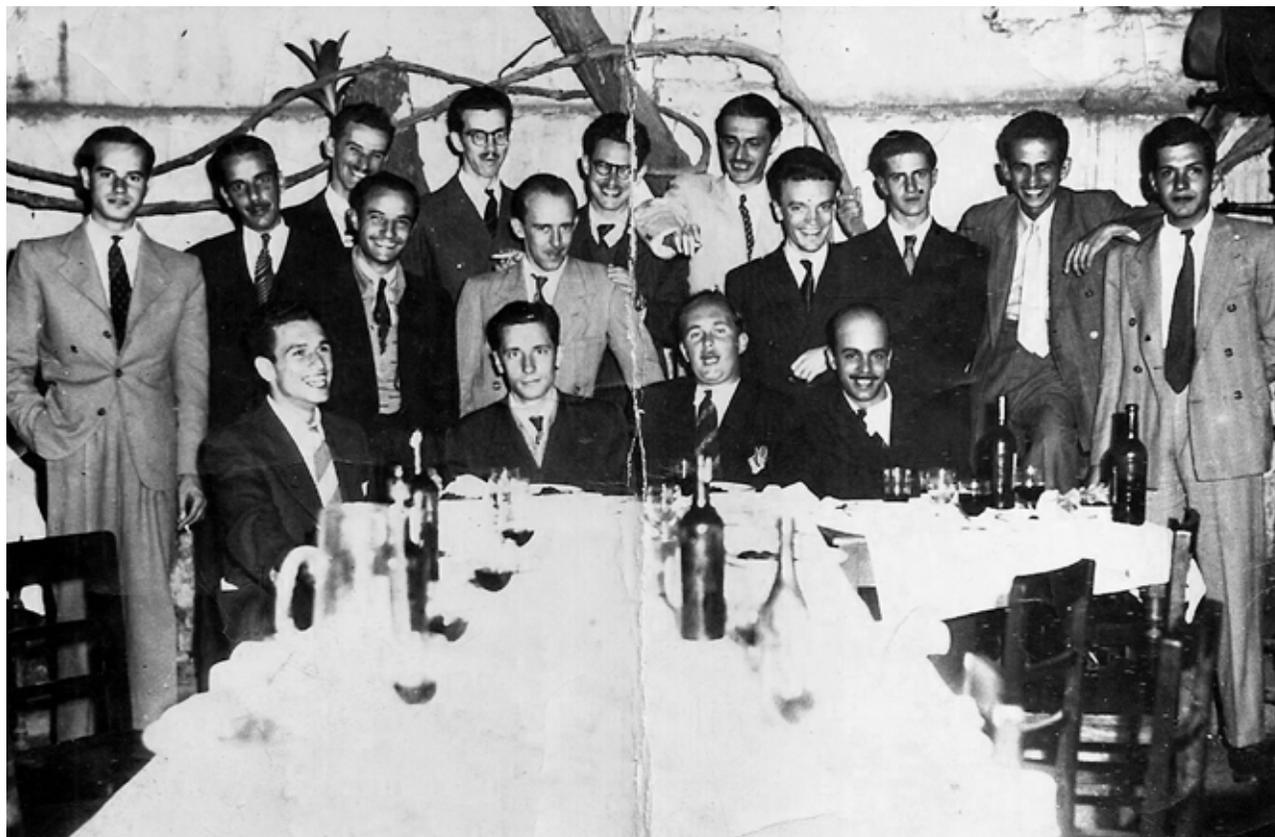
prematura do irmão João Alphonsus, meu pai assumiu a responsabilidade pela divulgação da obra paterna, tendo trabalhado incansavelmente nesse sentido, como comprovam as várias edições por ele organizadas sobre Alphonsus de Guimaraens.

Há o belo "Poema Sonhado", dedicado à sua esposa Hymirene Papi de Guimaraens. Parece, efetivamente, que ele foi sonhado. Qual a história por trás dos versos?

Trata-se de uma história muito interessante. Minha mãe, Hymirene Papi de Guimaraens, narrou ter acordado um dia no meio da noite com meu pai sonhando em voz alta, ou seja, a balbuciar algumas palavras que ela em princípio não entendeu. Contudo, como meu pai insistia nessa fala sonambúlica, minha mãe prestou mais atenção e compreendeu que ele, na realidade, repetia sem cessar um verso-indagação: “Se não for pela poesia, como crer na eternidade?” Ela, então, se levantou e escreveu o verso para não esquecê-lo. Na manhã seguinte, mostrou-o ao meu pai, que disse não se recordar de ter falado isso, mas que o verso era bom. Daí ele escreveu as demais partes para construir o belo “Poema sonhado”. Minha mãe ficou tão impressionada com o acontecimento, que escolheu esse verso para colocar na lápide de meu pai. Recordo que quando ele me mostrou o poema, eu também me entusiasmei com o ‘verso sonhado’; meu pai, sempre espirituoso, sorriu e me disse que pelo visto o poeta melhorava quando dormia.

Alphonsus de Guimaraens Filho foi frequentador e um dos fundadores do Sadoyle. Como era a dinâmica desses encontros e a participação do poeta?

O Sadoyle começou com os encontros de amigos escritores no apartamento do bibliófilo Plínio Doyle para uma conversa prazerosa, em Ipanema, Rio de Janeiro, todos os sábados à tarde. No início, tais encontros não traziam ainda a denominação de Sadoyle, o que só aconteceria alguns anos depois. Quando do estabelecimento do nome Sadoyle, Plínio resolveu organizar a escrita de uma ata de cada reunião em livro próprio. A cada sábado um escritor era escolhido para escrever a ata. A primeira, é interessante que se diga, foi escrita por meu pai. Eu próprio, que levava meu pai de carro até lá e às vezes ficava para participar do encontro, acabei por ser instado a escrever uma ata. Mas os escritores mais velhos, que de fato eram os verdadeiros participantes do Sadoyle, esses produziram várias atas cada um. Sempre que aparecia um convidado novo, ele geralmente escrevia a ata. Era comum os poetas escreverem a ata em versos. Todo esse rico material já foi publicado em livro. A dinâmica do encontro era ditada por Plínio Doyle. Recebia os escritores



Comemoração do lançamento de Lume de Estrelas, Belo Horizonte, 1940. Na foto, entre outros: Alphonsus Filho, Fernando Sabino, Otto Lara Rezende, Hélio Pellegrino, Paulo Mendes Campos, Murilo Rubião, Emílio Moura, Fritz Teixeira de Salles e Nazareno Alphonsus

As cidades onde morou, ou que em algum momento viveu Alphonsus Filho, estão por certo presentes em sua poesia. São vários os poemas que se referem a Mariana e a Ouro Preto, por exemplo.

e demais participantes sempre com a frase de que deveriam ser evitadas discussões sobre política partidária, religião e futebol, pois o encontro era, fundamentalmente, em torno de literatura, da vida em geral e da visita à riquíssima biblioteca pertencente a ele, onde todos, aliás, mergulhavam com o maior prazer. Tudo dentro de boa camaradagem, de bom conagração. Meu pai, Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava quase nunca faltavam. Posso narrar um fato que bem demonstra o espírito da reunião. Em um dos Sabadoyles do início da década de 1970, em plena ditadura civil-militar, surgiu de surpresa o ex-presidente Juscelino Kubitschek. Acontece que entre os participantes daquele dia estava um conhecido do Plínio Doyle, justo um dos militares que assinaram a cassação do mandato de senador de JK. De modo diplomático, Plínio procurou fazer com que o presidente sentasse bem afastado do tal militar, de quem não me recordo o nome. Como era do feitio de JK, ele se levantou do lugar em que foi colocado, se dirigiu ao militar e estendeu-lhe a mão. Houve um silêncio completo na sala, e o militar, visivelmente constrangido, se ergueu e apertou a mão do presidente. E a reunião pôde, assim, prosseguir com alguma possível leveza. É bom, nesse ponto, recordar que meu pai foi colaborador direto de JK tanto no governo de Minas Gerais quanto na presidência da República, tendo se tornado grande amigo do presidente.

Alphonsus de Guimaraens Filho mudou-se de cidade algumas vezes: de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro, do Rio para Brasília e, por fim, retornou ao Rio, onde faleceu. Há uma importância dos territórios onde o poeta morou em sua escrita?

As cidades onde morou, ou que em algum momento viveu Alphonsus Filho, estão por certo presentes em sua poesia. São vários os poemas que

se referem a Mariana e a Ouro Preto, por exemplo. De Belo Horizonte, é importante lembrar a imagem recorrente dos ventos do Acaba-Mundo, que tanto marcaram a infância do poeta. As férias muitas vezes passadas em Guarapari, no Espírito Santo, provocaram a criação dos livros *Elegia de Guarapari* e *Cemitério de pescadores*. Assim como Brasília motivou a escrita do livro *Ao Oeste chegamos*.

Quais os vínculos (concretos e sentimentais) que permaneceram no poeta em relação a Minas Gerais?

Alphonsus Filho era mineiro até a medula. Sempre falou da terra natal com muito carinho. Brincava com os filhos dizendo que, no fundo, nunca deveria ter saído de Mariana. Minha mãe reagia e contrapunha que a vida dele melhorara muito quando foram para Belo Horizonte e depois para o Rio de Janeiro e Brasília. Ele sabia disso, mas Minas Gerais nunca saiu de seu espírito. Havia sempre uma ponta de nostalgia em relação a isso.

Alphonsus de Guimaraens Filho teve papel relevante tanto na construção do mausoléu de seu pai em Mariana quanto na doação do acervo familiar para a criação do Museu Casa Alphonsus de Guimaraens na mesma cidade, o que pode demonstrar uma personalidade memorialista. Qual a relevância dessas ações do poeta além da poesia? Era recorrente a visita de Alphonsus de Guimaraens Filho a Belo Horizonte e a Mariana?

De fato, o viés memorialista sempre acompanhou Alphonsus Filho. Basta ler o livro *Alphonsus de Guimaraens no seu ambiente*, de sua autoria, para se ter uma ideia da extensão dessa personalidade memorialística. O mausoléu do pai foi solicitação de Alphonsus Filho ao então governador

Juscelino Kubitschek, que, diga-se de passagem, sempre fora admirador da obra do simbolista mineiro, sabendo vários poemas de cor. A doação do acervo familiar para o Museu Casa Alphonsus de Guimaraens, que meu pai muito ajudou a criar, também foi algo bastante importante. As viagens a Minas Gerais, portanto, eram recorrentes, mesmo porque possuía mãe viva e, depois da morte dela, muitos irmãos com quem gostava de conviver. Só depois dos oitenta anos, a idade passou a impedir-lo de realizar tais viagens.

Alphonsus de Guimaraens Filho, no Rio, fez parte de um grupo de intelectuais mineiros que saíram da terra natal. Quais as relações ele nutria com seus conterrâneos e quais as suas mais próximas relações?

A sua relação mais próxima era com Carlos Drummond de Andrade. Eles mantiveram sempre uma constante amizade. Falavam-se mais de uma vez por semana por telefone. Era um contato muito estreito, forte. Drummond toda vez que desejava conversar sobre as coisas da vida procurava meu pai, do mesmo jeito que meu pai ligava para ele para falar sobre qualquer tipo de problema ou para comentar o que fosse. E ainda se encontravam pessoalmente nos Sabadoyles. Trocavam confidências. Por várias vezes nós, os filhos, estivemos na casa de Drummond, com minha mãe e meu pai. Drummond na intimidade não era aquele urso que diziam, de cara fechada, de olhos baixos... era divertidíssimo. Falador, contava casos, a gente se divertia muito. Outra figura amiga foi o Pedro Nava. Meu pai mantinha muito contato com ele. Citaria também o Cyro dos Anjos. Meu pai só não teve uma convivência mais próxima com os mineiros da geração dele. Isso é interessante. Quando meu pai era solteiro em Belo Horizonte, andava bastante com Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Otto Lara Resende e Hélio Pellegrino, “os quatro cavaleiros do apocalipse”, como ficaram conhecidos. Eu tenho fotografias do meu pai com eles no início da década de 1940, em Belo Horizonte, quanto tinham vinte e poucos anos. Mas, no Rio de Janeiro, fora alguns encontros episódicos com Paulo Mendes Campos e Otto Lara Resende, meu pai conviveu mais com a geração anterior, de Drummond e Nava.

Qual era a relação do poeta com o pintor Portinari a quem ele dedica um poema?

Alphonsus Filho conheceu Portinari em uma exposição do pintor. A partir daí aconteceram alguns encontros, tendo Portinari inclusive apresentado meu pai com uma tela. Recordo-me de um jantar na casa-ateliê

Alphonsus Filho era mineiro até a medula. Sempre falou da terra natal com muito carinho. Brincava com os filhos dizendo que, no fundo, nunca deveria ter saído de Mariana. Minha mãe reagia e contrapunha que a vida dele melhorara muito quando foram para Belo Horizonte e depois para o Rio de Janeiro e Brasília. Ele sabia disso, mas Minas Gerais nunca saiu de seu espírito.

do pintor no Cosme Velho, no Rio de Janeiro, a que meu pai foi com a minha mãe.

Quais eram os maiores interlocutores de Alphonsus de Guimaraens Filho sobre o fazer poético?

Entre os poetas vivos, o maior interlocutor foi, sem dúvida, Carlos Drummond de Andrade.

O primeiro livro de Alphonsus, *Lume de Estrelas*, foi amplamente reconhecido quando publicado. Quais as suas repercussões (com os poetas, com a designação de um nome de rua no Rio com esse título etc.)?

O primeiro livro de Alphonsus Filho, *Lume de Estrelas*, foi de fato amplamente reconhecido. Publicado em 1940, ano em que o poeta completava 22 anos de idade, trata-se de obra que começou a ser escrita ainda na adolescência do poeta. Recebeu o Prêmio de Literatura da Fundação Graça Aranha e o Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras. Meu pai foi saudado pelos escritores mineiros de então com um jantar e outras comemorações. Muito tempo depois veio a grande surpresa: o então prefeito do Rio de Janeiro, Marcos Tamoio, deu o nome de *Lume de Estrelas* a uma rua da cidade. É interessante porque meu pai não conhecia o prefeito, nem nunca se encontrou com ele.

Alphonsus de Guimaraens Filho, como Drummond, foi funcionário público em Belo Horizonte, Rio e Brasília. Havia espaço para a literatura nos corredores das repartições públicas?

Sem dúvida. Na verdade, Alphonsus Filho sempre escreveu poesia em qualquer pedaço de papel que estivesse à mão. E não seria diferente, na medida do possível, quando se encontrava nas repartições públicas onde trabalhou.

JOÃO POMBO BARILE

paulista de Campinas, é jornalista e coordenador do SLMG.

MESTRE DO LIRISMO

LUIZ F. PAPI



Fotos: Acervo da família Guimaraens

Morreu Alphonso de Guimaraens Filho. Morreu o mago do lirismo. O místico, o romântico, o metafísico. O poeta que fez das conquistas do Modernismo e da renovação das formas clássicas, em especial o soneto, a bandeira discreta de sua criação. Bandeira conduzida ao longo de 72 anos, desde a publicação, em 1933, de seu primeiro poema, aos 15 anos, num jornal de Santos Dumont, até 2005, ano do lançamento, em edição fora do comércio, de *Poetas de Outras Terras*. Este livro contém poemas por ele traduzidos de quase 30 autores, tais como Federico García Lorca, Rafael Alberti, Guillaume Apollinaire, Paul Éluard e Edna St. Vicent Millay. A reduzida edição já é uma raridade para colecionadores.

Fui testemunha, detrás de um balcão da Confeitaria Papi, na Rua da Bahia, em Belo Horizonte, de uma festa de confraternização promovida por J. Etienne Filho, colega de Alphonso no jornal *O Diário*. Nesse encontro, em 1940, a nata da intelectualidade da capital mineira comemorou a estreia de Afonsinho, como era chamado pelos escritores amigos e companheiros de jornal. A festiva acolhida a *Lume de Estrelas* foi um marco na vida dele, tanto literariamente como pelo início do namoro com Hymirene, minha irmã, então com 17 anos, que também assistia deslumbrada, no comando da caixa registradora, à homenagem ao futuro marido. Que me lembre, sob a batuta do ficcionista João Alphonso, acompanhado dos irmãos Guy, José e Nazareno Alphonso, erguiam ruidosos brindes poetas e prosadores do porte de Emílio Moura, Bueno de Rivera, Murilo Rubião, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e Hélio Peregrino. Dos últimos quatro, um sinal do quanto eles eram caros ao poeta estreante seria dado anos depois no seu poema "Balada dos moços dos tempos d'antanho", inserido na coletânea *O Tecelão do Assombro*, lançada em 2000. Aí o poeta fala em cinco amigos de verdade.

O ano de 1940 marcou também seu bacharelato em Direito, mas o jornalismo, no qual militava desde os 14 anos, sobrepujou o advogado. Em 1934 entrou para o *Diário da Tarde* como repórter de polícia e em 1941 estava no jornal católico *O Diário*. A herança cultural do berço e os conhecimentos adquiridos pelo frequentador obsessivo de bibliotecas logo levaram o repórter às funções de articulista e cronista. Sentia-se também à vontade fazendo humor, como se vê neste título dado por ele a uma de suas crônicas daquela época: "Da arte de chegar com vida

ao outro lado da rua". Dos colegas de jornal sempre me falou com carinho de sua amizade com o poeta Milton Amado. Este, por coincidência, nos anos 20 conheceu a família Papi em Santo Antônio de Figueira do Rio Doce, depois Governador Valadares, e pegara no colo Hymirene, então bebê. Milton Amado é hoje aclamado pela crítica como o melhor tradutor entre nós da poesia de Edgar Allan Poe.

Li parte do segundo livro de Afonsinho antes de sua publicação, por cortesia de minha irmã, à medida que lhe chegavam de Belo Horizonte pelo correio os *Sonetos da Ausência*, a ela dedicados. Com a morte de nosso pai, Domingos Papi, em 1941, e o fechamento da confeitaria, nos havíamos mudado para o Rio de Janeiro. Em nossa casa de vila, no Andaraí, com frequência recebemos Alphonsus, que vinha de Minas ver a noiva. Solene formalidade, como de costume, precedeu o casamento. Afonsinho veio ao Rio acompanhado do irmão João Alphonsus, que em nome do noivo pediu à nossa mãe Dinah de Souza Papi a mão de Hymirene. Realizado o enlace em 1943, tendo Manuel Bandeira e Múcio Leão por padrinhos, o casal voltaria para Belo Horizonte, onde Alphonsus assumiu o cargo de diretor da Rádio Inconfidência, sem prejuízo de sua atuação na imprensa, que a essa altura abrangia colaborações em suplementos literários de vários estados. Em 1946 foi eleito membro da Academia Mineira de Letras.

Nada mais natural que o nome de Alphonsus figurasse na lista dos intelectuais que seriam chamados para o governo de Juscelino Kubitschek. E ele, ao lado de outros escritores mineiros de primeira grandeza, assessorou o governador de Minas Gerais e o presidente da República, em Belo Horizonte, no Rio de Janeiro e em Brasília. A nova capital, para onde transfere residência em 1961, seria saudada pelo poeta com o livro *Ao Oeste Chegamos*, dedicado a Juscelino. Ainda em Brasília foi um dos fundadores da Associação Nacional de Escritores - ANE. Depois de aposentar-se como subprocurador-geral do Tribunal de Contas da União, em 1972, o casal fixou-se no Rio com os filhos Afonso Henriques Neto, Luiz Alphonsus e Dinah Tereza, respectivamente poeta e professor universitário, artista plástico, antropóloga

e escritora. Tive a oportunidade de acompanhar Alphonsus, antes e depois de sua vinda definitiva para o Rio, em lançamentos de seus livros, recebimento de prêmios, entre os quais o Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras, e outros eventos importantes. Um destes, no final dos anos 40, foi uma recepção a Pablo Neruda na casa de Tati e Vinícius de Moraes, no Leblon, aí presentes Jorge Amado, Rubem Braga, Manuel Bandeira e, entre os mineiros, Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado e os quatro da "Balada dos moços dos tempos d'antanho". Assisti também com o poeta em Mariana, em 1953, à inauguração do mausoléu erguido pelo governo de Minas Gerais para receber os despojos de seu pai, Alphonsus de Guimaraens. Há que falar ainda nas inúmeras vezes em que passamos férias em Guarapari, no Espírito Santo, onde ele escreveu *Elegia de Guarapari e Cemitério de Pescadores*. Outro lugar onde Alphonsus encontrou inspiração para seus poemas foi Coroa Grande, no ramal de Mangaratiba, Rio de Janeiro. Na casa da família Papi, em Coroa, fomos parceiros de sinuca, carteados e de alguma bebericagem. Dos escritores e artistas que em várias ocasiões foram ver o poeta na casa de vila do Andaraí me lembro de Augusto Frederico Schmidt, Jaime Ovalle, Pascoal Carlos Magno e Bandeira, claro. E já residindo no Rio de Janeiro, em Laranjeiras, entre os amigos mais chegados estavam Drummond, Cecília Meireles, Pedro Nava, Cristiano Martins, tradutor da Divina Comédia, e Plínio Doyle, a cujas sessões do sabadoyle, em Ipanema, Alphonsus não faltava.

Ao declarar-se visceralmente poeta numa entrevista que me concedeu nos anos 70 para o jornal O Globo, Alphonsus Filho só fez confirmar o sentimento de plenitude e totalidade presente em toda a sua trajetória, da estréia com *Lume de Estrelas a Só a Noite é que Amanhece*, obra completa publicada em 2003. Um dos primeiros a manifestar-se sobre *Lume de Estrelas*, Manuel Bandeira disse que o livro atesta um grande poeta e não é reflexo da poesia paterna mas estrela de luz própria. José Guilherme Merquior diria mais tarde: AGF é hoje um dos nossos mais altos poetas, na base de toda uma tradição de sensibilidade e

O poeta é declaradamente cristão. Mas sem religiosidade de sentido conceituoso ou aliciente, sem o ritual altissonante dos rogos ou das invocações. As vibrações de seu misticismo emanam do fundo de suas próprias fibras, entendidas (e distendidas) como substância de uma totalidade existencial medularmente comprometida com o mistério e a preocupação da morte.

linguagem. E Guilhermino César: Impressiona o leitor a distância e altura a que chegaram seus poemas. Ele está cada vez mais próximo da linguagem essencial. Juntei-me ao rol dos muitos que escreveram sobre sua poesia ao publicar, também em *O Globo*, em 1971, um artigo sobre o livro *Poemas da Ante-Hora*, do qual se segue esta versão resumida:

"A linha mística que sempre se destacou na poesia de Alphonsus de Guimaraens Filho parece ter chegado ao seu clímax em *Poemas da Ante-Hora*. Este livro vem situar o poeta mineiro na plenitude da integração com um tema que, embora lhe sendo quase obsessivo, sua inquietação criadora não esgotara ainda com a consistência e a intensidade de agora. Sente-se nesses poemas uma aura despojada, uma quase serena aceitação da fatalidade maior, a insinuar talvez uma postura de submissão conformada aos desígnios do desconhecido, em termos de enigma da existência.

Nesse contexto, os elementos temporais, ou do cotidiano, de que se serve o poeta, são tocados por sutil imponderabilidade, o que não impede, em alguns exemplos, que magia e mística se associem num ostensivo recurso de abstração-subtração de dados concretos, claramente enunciados. Mas ainda aí está presente uma conotação metafísica — a crença numa realidade invisível, seja a do apóstolo, seja a realidade que o poeta procura captar, depois de extinta: *Vamos abrir inesperadamente/ uma janela ausente sobre ausente/ vale./ Cânticos soarão, e brancas asas/ irão espatifar-se contra casas/ sem que se cale/ o pássaro da morte, e seu segredo/ até prometa revelar-se cedo/ demais. (...)*

O poeta é declaradamente cristão. Mas sem religiosidade de sentido conceituoso ou aliciante, sem o ritual altissonante dos rogos ou das invocações. As vibrações de seu misticismo emanam do fundo de suas próprias fibras, entendidas (e distendidas) como substância de uma totalidade existencial medularmente comprometida com o mistério e a preocupação da morte: - *Põe, por favor, aquela sinfonia lilás e desolada./ Não lhe chames fantástica./ Deixa-me ouvir os passos dos duendes./ Bela esta flor./Bela, mas quem a susteve/ assim, no frágil caule, nesta noite de chuva/ e de vento agressivo? (...)*

Com mais de 30 anos de intensa atividade literária (*Poemas da Ante-Hora* é o seu 15.º livro), Alphonsus Filho dá bem um exemplo de que o domínio técnico pode disciplinar o fluxo da motivação poética, por mais exuberante que seja, conservando a sua carga de espontaneidade e fidelidade aos mais íntimos impulsos do artista. Nele, por sinal, o exercício da técnica não se faz sentir através do uso abusivo dos suportes convencionais do discurso poético, já que o poeta parece confiar mais na expressividade natural imanente à própria transcendência de seus temas. Assim, no poema "Rostos", o emprego de uma aliteração mais forte (rostos, rastos, restos) dilui-se numa atmosfera densa de espiritualidade (que é a de todo o livro),



Fotos: Acervo da família Guimaraens

Alphonsus Filho e Hymirene na década de 1990 no Rio de Janeiro

desempenhando discretamente sua função de acessório estrutural. A hegemonia da mensagem de Alphonsus Filho privilegia os versos longos e os ritmos lentos mais condizentes com a solenidade temática: *Entra, é a tua hora; entra de cinza ou de preto, entra com tuas âncoras secretas/ para fundear-te neste cais de sono e isolamento.*

A propósito do elo que dá continuidade e entrelaça a lírica dos Guimaraens, vale por fim assinalar uma constante de ressonâncias siderais que se manifesta na lua melancólica de Alphonsus, na fidelidade aos mandamentos

das estrelas, como disse Drummond sobre Alphonsus Filho, e na explosão de galáxias nos poemas de Afonso Henriques Neto. Afonso, por sinal, viu uma estranha mão a empurrar essa família para o mundo das letras, talvez numa alusão que já se estende aos jovens Domingos e Augusto, bisnetos do príncipe dos príncipes mineiros e com livros de poesia na praça."

(Texto publicado em *Revista Brasileira*, editada pela Academia Brasileira de Letras, fase VII, outubro/novembro/dezembro de 2008, ano XV, número 57.)

LUIZ F. PAPI (1922-2009)

cunhado de Alphonsus Filho, nasceu em Minas Gerais e faleceu no Rio de Janeiro. Foi jornalista, poeta e ensaísta.

O FANTASMA QUE TE RONDOU SEMPRE

ALPHONSUS DE GUIMARAENS FILHO

Aqui é bom que se diga o que representou na tua vida a supressão do cargo de juiz municipal, ou substituto. Até o final pode-se dizer que não tiveste mais paz. A recondução quadrienal era uma incógnita, uma hipótese, o que naturalmente te afligia, tanto mais que a família ia crescendo. Atormentado com os problemas domésticos derivados de um orçamento insatisfatório, absolutamente insatisfatório, escrevias a teu filho João, já então residindo em Belo Horizonte (desde o ano anterior: *O Alfinete*, jornalzinho marianense de que ainda nos ocuparemos, no número de 11 de junho de 1918, registra a sua partida, na véspera, para a capital), em 15 de junho de 1919: “Não recebeste uma carta enviada ao Raul Soares, para ser-lhe entregue por intermédio do Arduíno?” (Referias-te a Arduíno Bolívar) “Embora eu saiba que o meu quadriênio me garante aqui mais três anos de estada, procuro saber o que há no Congresso sobre os juízes municipais”. Esse o fantasma que te rondou sempre. Implacável. Em 2 de março de 1908 explicavas em carta a Mário de Alencar: “Puseste no envelope – Dr. A. de G.D. Juiz de Direito de Mariana. Sou, como já te disse, simples e temporário juiz municipal. Não pude colocar-me ainda na magistratura vitalícia do Estado, tal é o enxame dos bacharéis bafejados pela política.”

E não obterias sequer uma simples remoção para a comarca de Sabará, como pretendias.

Em 5 de junho de 1921, dizias em carta ao teu filho: “Não tenho andado bem de saúde. Tenho, porém, melhorado. (...) É possível que eu vá aí em agosto. Zenaide também quer ir”. pretendias, como informa hoje tua filha Ana Eulira, cuidar da tua recondução ao cargo. A morte, contudo, impediria a viagem.

VIAGEM AO RIO. CRUZ E SOUSA

Estiveras no Rio em 1895; lá retornaste em 1900. Já então morto Cruz e Sousa. Quando do seu falecimento em 1898, dedicaste-lhe um soneto, “Poetas exilados”.

Muito te manifestaste acerca do grande poeta negro. Publicando-lhe o poema “Caveira” no teu Conceição do Serro, em 18 de setembro de 1904, apuseste-lhe a seguinte nota: “Em língua portuguesa não há por certo um poeta moderno que se avanteje a Cruz e Sousa. Faleceu tuberculoso, na estação de Sítio, a 19 de março de 1898, se não nos falha a memória. Era natural de Santa Catarina. /O redator desta folha teve ocasião de passar horas magníficas com esse maravilhoso artista. Era negro genuíno, filho de dois africanos. /Morreu com perto de 40 anos, julgamos.”

Hymirene e Alphonsus Filho em Congonhas, Minas Gerais,
na década de 1950



Foi a única vez que te referiste ao teu encontro com Cruz e Sousa, no Rio, em 1895. Sabe-se que viste Coelho Neto, quiseste aproximar-se dele, mas Cruz e Sousa opôs-se, exclamando: “Não! Eu detesto esta gente!” “Esta gente – são palavras da tua biógrafa Henriqueta Lisboa – eram os medalhões do tempo, os indiscutidos, os dogmáticos.” (Alphonsus de Guimaraens, Livraria Agir, Rio de Janeiro, 1938.) Andrade Muricy, no Panorama do movimento simbolista brasileiro (Instituto Nacional do Livro, 2ª edição, 2 volumes, 1975) e Manuel Bandeira na sua Antologia dos poetas simbolistas brasileiros. Edições de Ouro, Rio de Janeiro, 1965, aludem a esse encontro. Raymundo Magalhães Júnior, em Poesia e Vida de Cruz e Sousa, Civilização Brasileira-MEC, Rio de Janeiro, 1975, leva-nos a compreender melhor o comportamento de Cruz e Sousa nesse episódio: “A atitude, para o poeta mineiro, que ficaria como a outra grande figura do movimento simbolista, não tinha explicação. Reflete, porém, o intenso desgosto causado a Cruz e Sousa pelo soneto satírico de *O País*, por ele atribuído a Coelho Neto, que era, então, a figura de maior prestígio daquele matutino. Já se tinham encontrado, uma vez, e conversado cordialmente sobre assuntos literários, Mas agora, na convicção de que fora Coelho Neto o autor de tal soneto, ou de que, se não fora, poderia, pelo menos, ter evitado o ultraje, Cruz e Sousa devia odiar o escritor maranhense. E odiar, talvez, com todas as forças da sua alma, entranhadamente, como ele próprio se declarava capaz de fazer, no soneto “Ódio sagrado”.

No número de 2 de outubro de 1904, publicaste juntos o soneto “Monja”, de Cruz e Sousa, e “Lua” (que viria a ser o de número XLV da tua Pastoral aos crentes do amor e da morte.) E o fizeste naturalmente num preito à memória do poeta a quem admiravas e por terem ambos os sonetos, como tema, a lua.

Na crônica “Pudor, pundonor”, de *Mendigos*, voltaste a mencionar Cruz e Sousa: “A poesia, no entanto, malgrado as tentativas científicas que a têm flagelado, parece resistir à inundação despudorada que a inunda (...). Basta que de estância em estância apareça um Baudelaire, um Antero ou Luís Delfino, um Antônio Nobre ou Cruz e Sousa, para que ele de novo cintile com a sua luz astral de estrela perene.”

Cruz e Sousa, Antero... Virias a reuni-los numa trova encontrada, entre outras, em teus manuscritos:

*Ao encontrar esta lousa
Abandonada no val,
Eu pensei em Cruz e Sousa,
Mais Antero de Quental.*

Tua maior homenagem ao *Cisne Negro* estará, porém, no citado soneto “Poetas exilados”. Publicaste-o em *O Comércio de São Paulo*, de São Paulo, 22 de maio de 1898. Dali o recolheu, fornecendo-me cópia, o meu amigo bibliógrafo Antônio Simões dos Reis, já falecido:

POETAS EXILADOS

A Cruz e Sousa

*No mosteiro, de velha arquitetura, de era
Remota, vão chegando os poetas exilados.
A porta principal é engrinaldada em hera...
Os sinos dobram nos torreões, abandonados.*

*Uns são bem velhos e há moços na primavera
Da idade humana. Alguns choram mortos noivados.
Sem esperança, cada um deles tudo espera...
Outros muitos têm o ar de monges maus, transviados.*

*E ninguém fala. O sonho é mudo: e sonham, quando
Ei-los todos de pé, extáticos, olhando
A branca aparição de hierático painel.*

*Chegaste enfim, magoado Eleito! Olham. Vermelhos
Tons de poente num fundo azul... Dobram-se os joelhos:
É Cruz e Sousa aos pés do arcanjo São Gabriel.*

Andrade Muricy informa, no seu Panorama, que “a referência ao arcanjo São Gabriel se explica pela repercussão que tivera o poema ‘Anjo Gabriel’, de Cruz e Sousa – digno de integrar Faróis, e na linha dos grandes sonetos do mais alto estro do *Cisne Negro*”. É um extenso poema, em quartetos, e o mesmo Andrade Muricy o recolheu à *Obra Completa* de Cruz e Sousa que preparou em 1961 para a Editora Aguilar.

*(Trecho do livro Alphonsus de Guimaraens no seu Ambiente
(Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1995), no qual o filho
do poeta simbolista biografava o pai como se conversasse
diretamente com ele.)*

PALAVRAS

SOBRE ALPHONSUS FILHO

Refrão de glória, eis vem no trilho
Do pai – dois mestres em refrães—
Trás Alphonsus de Guimaraens,
Alphonsus de Guimaraens Filho.

Manuel Bandeira

Alphonsus de Guimaraens Filho é hoje um dos nossos mais altos poetas, na linha de toda uma tradição de sensibilidade e linguagem.

José Guilherme Merquior

Impressiona o leitor, mesmo o mais habituado a lidar com poemas de voo real, a distância e altura a que chegam os poemas de Alphonsus de Guimaraens Filho. Ele está cada vez mais perto da linguagem essencial.

Guilhermino César

Alphonsus Filho é poeta singular, que ameaça fugir para a noite, para o desconhecido, atraído pela voz lírica que lhe vem de mundos ancestrais.

Henriqueta Lisboa

Alphonsus de Guimaraens Filho, carregando o peso de um nome tão ilustre, soube construir sua própria obra e de maneira tão independente que hoje essa associação onomástica não perturba sua identidade poética. (...) É outro poeta que veio para ficar.

Fausto Cunha

É mais ou menos o que vem acontecendo com a poesia desse grande poeta que é Alphonsus de Guimaraens Filho, com um conjunto de obras que o coloca, sem dúvida, entre os melhores poetas da atualidade. (...) É preciso ter realmente muita preguiça de leitura, ou má vontade, para ver na poesia de Alphonsus de Guimaraens Filho apenas os elementos de uma estilística neossimbolista. Há mais de quarenta anos que ele vem continuamente criando e sua linguagem tem experimentado várias transformações que a crítica tem que saber acompanhar, para não ficar, preguiçosamente, repetindo chavões classificatórios.

Gilberto Mendonça Teles

12/16/46
P.R.I.3 Rádio Inconfidência

Edifício da FEIRA PERMANENTE DE AMOSTRAS
1.º andar — BELO HORIZONTE

Belo Horizonte, 5 de junho de 1946

Sr. Superintendente da Despesa Fixa

35409
Comunico-vos que o sr. Carlos Drummond de Andrade, redator do "Minas Gerais", posto, pelo sr. Interventor Federal, à disposição da Rádio Inconfidência, com os vencimentos daquele cargo, por decreto de 21 de maio findo, está exercendo sua função na Sucursal desta emissora no Rio de Janeiro.

À vista do exposto, peço-vos determineis sejam os seus vencimentos, que constarão das folhas da Imprensa Oficial, pagos, mensalmente, pelo Departamento da Fazenda, no Rio, onde reside o sr. Carlos Drummond de Andrade.

Reitero-vos os protestos de minha alta estima e consideração.

DDF. 29
Providências
M. M.

João S. S. F.
junto a ficha 4517
do Sr. Carlos Drummond
de Andrade.

P.C., 6.6.46

Martha Branco

~~Afonso Henrique de Guimarães~~
(Afonso Henrique de Guimarães)

Director

P. Pazadour, para
o desligamento de nos en-
viar a ficha de pensio-
nário
22.05.6-6-946

Item nº 10699 de 11-6-46.
hoje à S.C.B.
DDF nº 14-6-46



- :: *Lume de Estrelas: poemas*. Belo Horizonte: Edições Mensagem, 1940.
- :: *Poesias. Sonetos da Ausência. Nostalgia dos Anjos*. Coleção Autores Brasileiros, vol. 22. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1946.
- :: *A Cidade do Sul*. Coleção Marília de Dirceu, 1. Belo Horizonte: Movimento Editorial Panorama, 1948.
- :: *O Irmão: poesia*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1950.
- :: *O Mito e o Criador: poesia*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1954.
- :: *Sonetos com Dedicatória*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.
- :: *Poemas Reunidos, 1935-1960*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1960.
- :: *Antologia Poética de Alphonsus Guimaraens Filho*. Rio de Janeiro: Edições do Autor, 1963.
- :: *Novos Poemas*. Brasília: Dom Bosco, 1968.
- :: *Poemas da Ante-hora*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.
- :: *Absurda Fábulas: Novos Poemas*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1973.
- :: *Água do Tempo: Poemas Escolhidos e Versos Inéditos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar/INL, 1976.
- :: *Discurso no Deserto*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1982.
- :: *Nó: Poemas*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1984.
- :: *Luz de Agora*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1991.
- :: *Todos os Sonetos, Alphonsus de Guimaraens Filho*. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 1996.
- :: *Poemas*. Alphonsus de Guimaraens Filho. [Organização de Afonso Henriques Neto]. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1998.
- :: *O Tecelão do Assombro: Poemas*. Alphonsus de Guimaraens Filho. [Organização de Afonso Henriques Neto]. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000.
- :: *Só a Noite é que Amanhece: Poemas Escolhidos e Versos Esparsos*. Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

Para a minha mãe, esta é a mais verdadeira e grande obra de arte de Alfonsus.